

bilhu alamed

Correio das Artes

ANO I Número 18 SUPLEMENTO LITERÁRIO DE "A UNIÃO" Domingo, 24-7-1949



Passou a Hora de Santos Luzardo

ERNANI SÁTYRO

OS JORNAIS mencionavam há poucos dias, entre outros exilados políticos da Venezuela, o nome do ex-presidente Romulo Gallegos. Triste destino, o dessa nobre figura de intelectual, para quem sua pátria apelára, num desesperado esforço pela própria sobrevivência.

Não nos interessa aqui o aspecto político ou social do episódio, pelo menos tomadas essas expressões em seu sentido mais restrito. A nota mais triste do drama — aquela que fere de modo mais profundo quantos conhecem a obra de Romulo Gallegos, é precisamente a sua queda sem grandeza, quase se diria sem resistência. E no entanto, por mais tremendo que seja a crise, os ânimos fortes sempre têm uma possibilidade de resistir.

Ninguém esperaria que Santos Luzardo tombasse assim. Santos Luzardo é o personagem representativo do próprio Gallegos, no seu romance culminante, que é essa extraordinária — "Dona Bárbara". E dona Bárbara personificou, por outro lado, com os seus sortilégios e sua feroicidade, a própria hostilidade da planície venezuelana. Mais de uma vez, Gallegos advertiu, naquelas páginas inesquecíveis, pela boca de uma das vítimas da ser-

pente: "Esta terra não perdôa".

É quem viu a galhardia de Luzardo, a firmeza com que impôs alguns traços de civilização à gente semi-bárbara do Arauca, dificilmente acreditaria na sua frustração, quaisquer que fossem os obstáculos do seu caminho.

Parece que ainda estamos a ouvi-lo — a Luzardo ou ao próprio Gallegos, naquela mensagem vinda de tão longe e que mostrava trazer a força das coisas invencíveis: "É preciso matar o centauro que traze-

mos dentro de nós". Esta outra parecia feita para a hora suprema, que ele soube viver apenas na ficção — "A violência, só com a violência". E ainda, numa definição de sua coragem contra as conveniências: "As palavras são para ser ditas".

Deixemos que Gallegos fale mais, que fale de tudo: "O ouro, venha de onde vier, sempre brilha". Sobre o telégrafo, que já penetrava sua planície misteriosa, ele dizia que é "a linha reta do homem dentro da linha curva da natureza". A vin-

da do trem parecia um sonho, para aquela região: "Talvez não alcancemos esse tempo, mas o nosso sangue palpitará na emoção de quem o vê".

Quando Gallegos se empossou no governo de sua pátria, tivemos oportunidade de escrever algumas linhas sobre o acontecimento, para nós tanto mais expressivo, quanto profunda fora a impressão do "Dona Bárbara". E não tivemos dúvida, então, em proclamar que soara a hora de Santos Luzardo. Que Luzardo saberia viver a sua hora. E que aquele romance transcendia os limites da ficção, e sua mensagem vinha com o prenúncio dos grandes acontecimentos sociais e políticos. Por maior que fosse a intensidade poética — e o grande romance de Gallegos é toda ele um belo poema; por mais que o pensador penetrasse nas sutilezas dos problemas venezuelanos, o que pairava por cima de tudo, o que dominava toda a narrativa, era sempre a presença de Santos Luzardo, o homem de ação. Dona Bárbara mesma, depois de uma vida de crimes e de conquistas, no meio de mistérios e fantasmas, enqui-rou-se diante dele. Ela não mais lutou. O seu braço, tão ágil no manêjo do rifle e do punhal, sentia-se desarmado ao simples olhar do

CANTO E MENSAGEM

EDUARDO MARTINS

CALEMOS AS NOSSAS VOZES INTEMPESTIVAS.
EM VOLTA DOS LÍRIOS HA-UM GRANDE MUTISMO.
AS MURCHAS PÉTALAS ESTÃO PENDIDAS PARA
A TERRA
COMO CABEÇAS DEBRUÇADAS SOBRE O MATERNO
CORACÃO.

E ATENDEMOS Á RESSONÂNCIA DAS GRANDES
PALAVRAS
COM QUE O CRISTO FALOU AO TEMPO DOS TEM-
POS
E QUE HÃO DE SEMPRE REINAR ATRAVÉS DOS
SÉCULOS
NUMA REGIÃO SUPER-ESPACIAL ONDE A POESIA
É O PRÓPRIO AMBIENTE

II,

A VÓS, LÍRIOS DE PUREZA,
A VÓS, SORRISOS DE CRIANÇAS,
A VÓS, HOMENS TRISTES, INCAPAZES,
A VÓS, ESPERANÇAS MALOGRADAS,
O MEU CANTO FRATERNAL, ÁTOMO DO AMOR
DIVINO!

advogado, que resolvera deixar a metrópole, para cultivar suas terras.

É verdade que Gallegos já pressentia certos traços de fragilidade humana, quando afirmava: "Há pessoas que, entre pensar e fazer, levam anos". Mas esse não era positivamente o caso de Santos Luzardo, todo êle firmeza e ação. O seu exemplo era o do homem destinado a matar o centauro, a vencer, dentro da realidade, o que dominara dentro do romance, embora se tratasse de uma paisagem menor "uma fazenda primitiva, base de uma indústria rudimentar e abrigo de uma existência semi-bárbara, no meio do deserto".

Seria realmente ingenuidade estabelecer um paralelo entre um romance e uma carreira política; ou pretender que Gallegos tivesse o dever de realizar, com o mesmo vigor de seu personagem, tudo quanto construía nos domínios da ficção. Não é isso que pretendemos. Queremos, pelo contrário, salientar a contradição de uma personalidade, ou, em termos menos pessoais, a contradição de um destino. Ninguém diria que o criador de Santos Luzardo pudesse falhar, quer que fossem as circunstâncias. Porque, para criar aquela personalidade, situá-la nos mistérios da planície e fazê-la vitoriosa diante de tantos fantasmas, já era necessário possuir também uma forte personalidade. Tão forte, que, encontrando a sua hora, não a deixasse passar!

Quasi somos forçados a dizer que não foi Gallegos ou Santos Luzardo quem

falhou, mas, (como se isso fosse possível) a própria natureza que se contrariou.

Poder-se-ia objetar que os fantasmas e as assombrações sempre acompanharam toda a narrativa de Gallegos. A lenda do "rebullões", criada na imaginação do idôta Juan Primito, percorre o livro, como uma sombra negra. Os "rebullões" eram pássaros enormes, que vaticinavam crimes, mal começava a inflamar-se o coração de Dona Bárbara. Juan Primito corria a depositar, pelos telhados, sangue de boi, vinagre, mel de abelha, e biles de animais. Os "rebullões" saciavam-se e com isto alguma vida humana se poupava.

Outro fantasma cuja história percorria toda a planície, era o do Jacaré do Bramador. Mas isso só impressionava as naturezas primitivas. Santos Luzardo surgiu precisamente como o destruidor de fantasmas, como o homem civilizador e forte, a desfazer crendices, superstições e injustiças.

Seja como for, não deixa de ser melancólico o fim dêsse intelectual (se é realmente o fim) chamado para dirigir o seu povo, tão somente pela força da mensagem que deixara em seus livros. Pela grandeza de sua criação romanesca e poética, pela intuição admirável dos graves problemas, que seu maior personagem soubera situar e vencer.

De uma dessas criações, a força é tão grande, que confundiu numa só pessoa o criador e a criatura. Essa criatura chama-se Santos Luzardo. Desgraçadamente, parece que Santos Luzardo deixou passar a sua hora.

MENINA SEM RITMO

OLIVEIRA BASTOS

A

MENINA QUE DORMIU DE BRUCOS
E DEIXOU FUGIR NOTURNAS ANCIAS
NÃO É ESTA QUE VEM DAS ALGAS
NÃO É ESTA QUE NÃO TEM RITMO.

QUERO TRAGA-LA COM OS OLHOS,
MAS ONDE ESTÃO MINHAS PRECES FUGIDIAS
SE O VENTO NOVO MUDOU?

A MENINA QUE INDA ESTÁ IMOVEL,
— SONAMBULA FLEXA NO ESPAÇO,
NÃO É ESTA QUE ESTÁ DANSANDO
NOS BREVES PASSOS ALHEIOS
DAS OUTRAS QUE NÃO SÃO AS MESMAS

FIZERAM-LHE UM LONGO ACENO,
— MAIS LONGO DO QUE O MISTERIO
NA FUMAÇA QUE VIRA,

FIZERAM-SE TRANÇAS GRANDES,
— MUITO GRANDES COMO O MEDO
DE PERDÊ-LA DENTRE AS ALGAS.

MAS A MENINA SEM RITMO,
CANSADA DE SER AUSENCIA
CANSADA DE SER ANCEIO,
CANSADA DE NEUTRA SER,
NÃO É ESTA QUE ESTÁ DANSANDO
ENTRE NUENS E PROJÉTOS,
NÃO É ESTA QUE ESTÁ BEBENDO
O ORVALHO NAS MÃOS DO TEMPO,
NÃO É ESTA QUE ESTÁ CISMANDO
AGORA, NAS TORRES SÓ

A União

Fundada em 1892 Patrimônio do Estado
Diretor: SILVIO PORTO

CORREIO DAS ARTES

Orientação de EDSON REGIS

COLABORADORES

A. Accioly Netto, Aderbal Jurema, Afonso Felix de Sousa, Afranio Coutinho, Antonio Bento, Antonio Brayner, Antonio Franca, Bandeira Tribuzi, Bezerra de Freitas, Brito Broca, Carlos Romero, Celina Aguirre, Celso Otávio Novaes, Clovis Assumpção, Clelia Silveira, Clovis Moura, Cyro Pimentel, De Castro e Silva, Djacir Menezes, Edmundo Luna, Edmur Fonsêca, Edson Nery da Fonsêca, Enrico Camerini, Evaldo Coutinho, Fernando Ferreira de Lencastre, George Mattos, Gilberto Freyre, Guerra de Holanda, Hamilton Pequeno, Haroldo Bruno, João Condé, João da Veiga Cabral, João Cabral de Melo Neto, José Paulo Moreira da Fonsêca, José Lins do Rêgo, Juarez Batista, Léo Ivo, Lucia Miguel Pereira, Lopes de Andrade, Malaquias Abrantes, Mario Quintana, Manuel Bandeira, Manuel Diégues Junior, Maria da Saudade Cortezão, Nice Figueiredo, Nilo Pereira, Orlando Romero, Otto Lara Rezende, Péricles Leal, Raul Lima, Reinaldo Moura, Sôsigenes Costa, Tullo Hostilio Montenegro, Van Rogger, Wilson Chagas e Wilson Martins.

ILUSTRADORES

Arnaldo Tavares, Arpad Szenes, Augusto Reynaldo, Carlos Thiré, Cleto Dias, Fayga Ostrower, Helio Feijó, Hermano José, J. Lyra, Ladjane Pancetti, Santa Rosa, Van Rogger, Yllen Kerr, Wilson Rodrigues, Woller e Zuleno Pessoa.



Lançado o Jornal de Letras

GRANDE ACONTECIMENTO LITERÁRIO DOS ÚLTIMOS TEMPOS — OS IRMÃOS CONDÉ, BATALHADORES INCANSÁVEIS DA NOSSA LITERATURA — ESGOTADA TODA A EDIÇÃO NO RIO E EM S. PAULO — MILHARES DE TELEGRAMAS E CARTAS DOS VÁRIOS ESTADOS — NOTAS.

GASPARINO DAMATA

RIO — Um dos acontecimentos de maior repercussão nos meios literários do país, nesses últimos tempos, foi indiscutivelmente o lançamento do "JORNAL DE LETRAS" num coquetel oferecido pelos irmãos Condé à imprensa e ao mundo intelectual no jardim suspenso da A.B.I. O "Jornal de Letras" — uma das publicações literárias mais interessantes de todas que já apareceram nos quadrantes intelectuais do Brasil, era uma necessidade; precisávamos de qualquer coisa nesse gênero, onde tanto os escritores velhos, como os da nova geração pudessem colaborar, trabalhar para o melhoramento do nosso padrão literário; isso não somente os que residem aqui no Rio ou em S. Paulo, bem como os que embora vivendo na Província, emprestam seu talento, trabalhando modestamente para a renovação de valores, evitando assim a estagnação, o "lugar comum" literário...

Começou o coquetel às 18.30, sendo irradiado pela Rádio Continental diretamente do recinto; usaram da palavra, inicialmente os irmãos Condé, que agradeceram o comparecimento, a cooperação de muitos intelectuais ali presentes, no absoluto sucesso do "Jornal de Letras". Em seguida falaram José Lins do Rêgo, o jornalista Pompeu de Souza, Bastos Tigre, Luís Jardim e o pintor Cândido Portinari, etc.

ANIMAÇÃO E CORDIALIDADE

Um das notas mais interessantes do coquetel do "Jornal de Letras" foi o comparecimento em péso das figuras mais representativas das velha e nova gerações; calculo aproximadamente em 150 o número de intelectuais que bebiam, palestravam numa estreita camaradagem. Numa mesa, destacavam-se os srs. Alvaro Lins, Otto Maria Carpeaux, Gilberto Freire, Olívio Montenegro. Mais afastados, uma outra, um grupo formado pelo Cronista Henrique Pongetti, Bastos Tigre e Helena Ferraz; de pé, o poeta Carlos Drummond de Andrade e o pintor e consista Luís Jardim. Estiveram presentes os representantes das revistas "O Cruzeiro" e "Cigarra". O sr. J. Acioli Nêto, cronista teatral palestrando com a atriz-jornalis-

ta Luíza Barrêto Leite, o célebre cartonista Milor Fernandes (Vão Gôgo), Franklin de Oliveira, etc. Numa mesa junto ao terraço, o secretário de "Cigarra", escritor Herberto Sales, Adonias Filho, Fernando Sabino e o reporter José Leal, em palestra com Bernardo Ludemir — uma das figuras mais interessantes da nova geração pernambucana.

João Elisio e José Condé estavam entusiasmados; esses dois incansáveis batalhadores mal tinham tempo para atender os inúmeros amigos que os felicitavam pelo enorme êxito de sua publicação. Agradecendo a todos, os irmãos Condé mostravam-se visivelmente sensibilizados com os agradecimentos — prova do quanto são estimados no mundo literário do país.

OUTRAS FIGURAS

Muitos eram os grupos formados no salão e terraço da A.B.I. bebendo e batendo papo. Principalmente os moços da nova geração — um tanto reservados, tími-

dos. Destacavam-se entre muitos, os rapazes da "Revista Branca" Saldanha Coelho, Bráulio do Nascimento, Haroldo Bruno — em palestra com Tomás Seixas, um dos grandes valores de Pernambuco, há pouco chegado daquele Estado amigo. Numa mesa, Willy Lewin, Duarte e Jaime Azevedo da Câmara, a turma do IPASE, ouvindo a última piada do sr. Estácio Duarte. Virando-me para atender o fotógrafo, vi o nosso Léo Ivo como centro de atração da mesa dos críticos Alvaro Lins, Otto Maria Carpeaux e Olívio Montenegro. Léo parece que estava sendo... agraciado!

No dia seguinte ao telefonar para João Condé, disse-me ele entusiasmado:

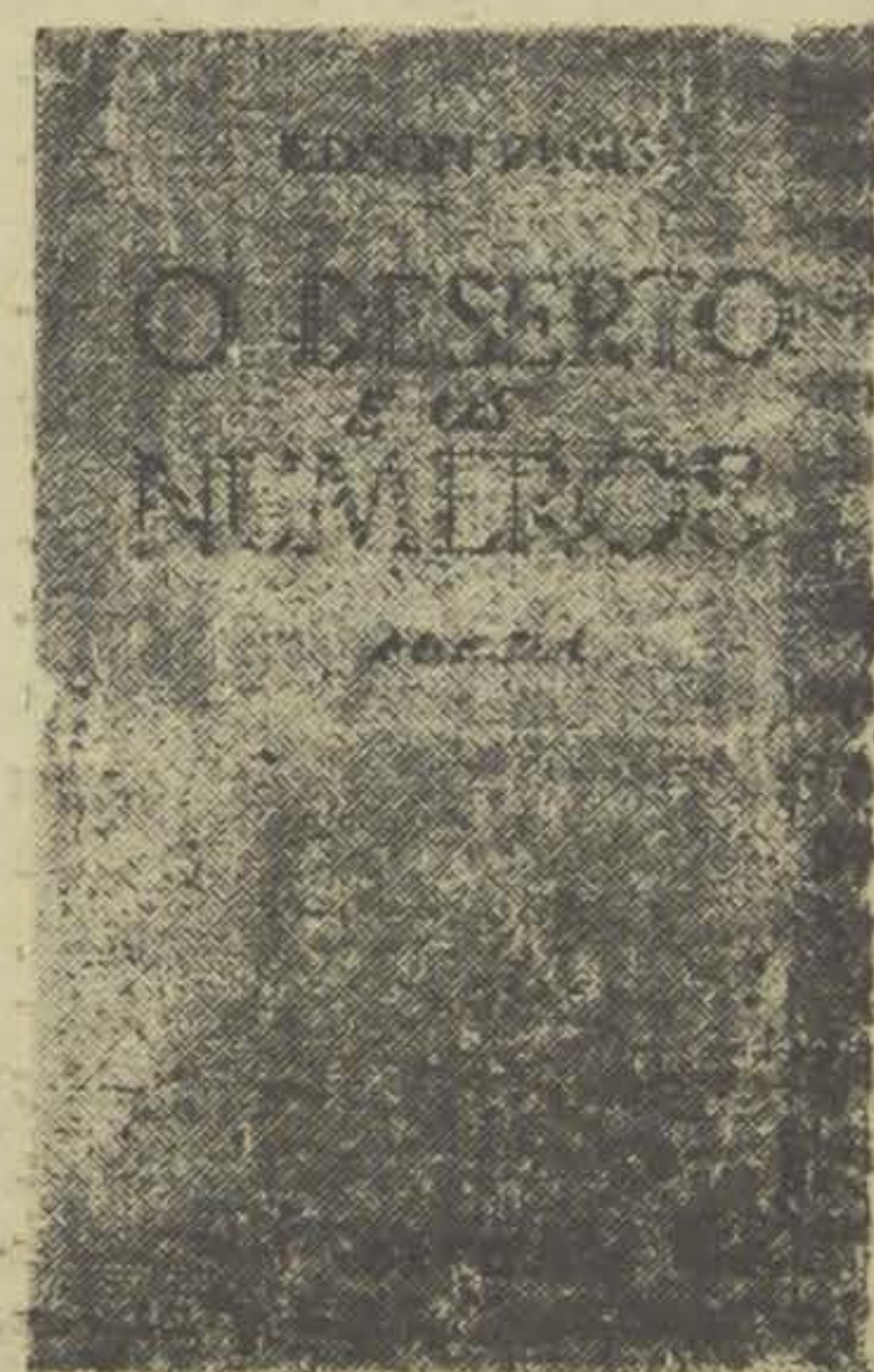
— O "Jornal de Letras" esgotou-se dentro de poucas horas em 16 bancas de jornal; um verdadeiro sucesso — acrescentou o homem dos "Arquivos Implacáveis" minutos antes de tomar o avião para São Paulo, onde foi lançar o primeiro número de sua já vitoriosa revista.

EM SÃO PAULO

O "Jornal de Letras" foi lançada com absoluto sucesso em S. Paulo num coquetel oferecido pelo escritor Osvald de Andrade em sua residência, e ao qual compareceram as figuras mais representativas do mundo literário do Estado vizinho. Dentre elas, destacavam-se o pintor Di Cavalcanti e sua esposa, a pintora Noêmia, o poeta Augusto Frederico Schmidt, que estava de passagem por aquela capital, escritora Helena Silveira, poetas Jamil Almansur Haddad, José Tavares de Miranda, Ciro Pimentel e Almeida Sales, da revista "Colégio". Usou da palavra Osvald de Andrade, que num discurso rápido, incisivo, agradeceu o comparecimento de todos, desejando ao "Jornal de Letras" uma vida longa, cheia de sucessos.

Aguardemos, portanto o segundo número de "Jornal de Letras" — a publicação mais discutida do momento. Disseram-me os irmãos Condé que, o segundo número, além de farto material literário, será em parte dedicado a Joaquim Nabuco, em comemoração ao

centenário desse grande estadista pernambucano. Estejam portanto os leitores nordestinos com suas vistas voltadas para esse segundo número do "Jornal de Letras" — a publicação dos irmãos Condé — uma revista séria, que estava fazendo falta nos nossos meios literários.



Capa do livro de poesias O DESERTO E OS NÚMEROS, lançado pela editora ORFEU (1949).

Uma Historia de Marinheiro

DULCIDIO MOREIRA

QUANDO o funcionário da companhia de navegação solicitou a nossa matrícula, lembro-me bem daquela caderneta, massuda e úmida de suor que o marinheiro calvo apresentou, confiante na aceitação dos seus serviços, pela identificação dos carimbos que assinalavam vinte e tantos anos de mar, em navios de nacionalidades diversas.

A notícia do afundamento de navios brasileiros não atenuara o ânimo daquelas vinte homens que espontaneamente se apresentavam para preencher nove vagas num cargueiro.

E os homens que conversavam no café fronteiro à Capitania — eles, os homens de terra, os garçons, os operários e os funcionários — não entendiam que buscávamos um navio, assim como eles se dirigiam às oficinas, ao escritório, às repartições. Falavam de afogamentos, de navios torpedados, de regressos incertos. Mas nós, os marinheiros, tínhamos adiante a cidade hostil e o desemprego; e mais do que tudo, o orgulho de falar do último navio que tripulamos, da habilidade do comandante velho, de temporais que atravessamos, de mulheres belos que vimos em Cherburgo, em Lisboa, em Barcelona. E os maiores sentimentos de catástrofe se afastavam à força da necessidade e das recordações.

Lembro-me bem, companheiro de mar, quando atiramos sobre a mesa o nosso dinheiro reduzido para ser dividido em partes iguais com os outros que, como nós, ansiavam sustentar novamente o timão de leme num navio que os levasse para longe do cárcere das ruas da cidade fatigante. E tenho uma recordação especial de você, companheiro da caderneta folhada, você que levou

parte do meu dinheiro para comprar selos, a fim de regularizar a sua situação na Companhia. Eu comprei cigarros e bebida para comemorar nosso encontro e você comprou estampilhas para caminhar para a morte.

Lembro-me de você, marinheiro velho, vestido com uma roupa mescla, fumando a última cigarrilha e falando do primeiro navio que tripulou, muito feio e moreno, lembrando mulheres louras e belas, tomando a bebida de um sorvo e fazendo carêtas horrendas. Algumas horas depois, partiram alguns. Eu permaneci entre os que sobraram, jogado na praia. E você lamentou a minha situação de marinheiro em terra e me desejou boa sorte, como se tivesse sido mais feliz que eu.

É claro, companheiro, fiquei triste porque não segui com você naquele cargueiro escuro, para bebermos o primeiro salário e falarmos da mulher, cujo nome você latuou no braço vigoroso. Como você, velho marinheiro calvo, eu também não pensava em afogamentos, em navios navegando fora da rota normal, em torpedos, no desespero dos ataques submarinos. Guardava somente uma ansiedade: seguir, fôsse para onde fôsse, na longa viagem duradoura. Não pensava que armas traiçoeiras se escondiam para dar-nos a morte, quando procurávamos ganhar a vida.

Entretanto, você simbolizava a fraternidade dos povos na composição do seu sangue mestiço; amava as mulheres de todas as raças, embora preferisse a brasileira morena, que morava no morro, para quem trazia roupas finas do estrangeiro e os melhores cosméticos do mundo.

— E não foi o nome dela que você latuou no braço possente, que puxava as

amarras no cabeça dos cais? Não foi o nome da mulher brasileira, poeta analfabeto, que você levou a cem terras distantes, na página viva do seu braço, que se envolveu de algas e sargacços, escrevendo o último poema nas profundezas marinhas?

Você partiu, eu fiquei esperando seguir depois para lhe ver casualmente em um porto qualquer. Você me desejou boa sorte e ofereceu o último cigarro e um trago da bebida ordinária que correntes no pavilhão à beira do cais.

Eu não vi sair o cargueiro que você tripulava, pintado de cinzento, levando mantimentos para as crianças amarguradas de Londres. Vi depois, muitos dias depois, no jornal, a notícia do afundamento do seu barco pelos homens que nasceram numa terra que você amava, no louro de suas filhas, nas avenidas largas de Hamburgo, nas noites boêmias das margens do Elba.

Você que esperava terminar a guerra para tomar uma cerveja com ostras num cabaré alemão e comprar uma boneca com os olhos de porcelana para a negrinha do morro que era sua afilhada, ficou no caminho, morreu envolto nas ondas sobre as quais viveu. E eu, que facilitei involuntariamente o seu ingresso para a morte, vi depois o seu nome na relação dos desaparecidos.

Mas, para que mencioná-lo, se ninguém lhe conhece? Você não tem um feriado dedicado ao seu heroísmo anônimo. Ninguém lhe conhece. Os que não são marinheiros como você era, não compreenderiam que aquelas pornografias pronunciadas em voz alta eram entusiásticas interjeições.

Você, moreno e feio, falava de mulheres louras e bonitas. Era analfabeto e falava três idiomas. Se lhe

chamassem de poeta, você talvez erguesse os punhos agressivos em represália à ofensa. Mas, você compôs um magnífico poema, levando para o fundo do mar o nome da mulher que deixou em terra, esperando o apôto do seu braço possente.

Se lhe falassem em fraternidade, você zombaria disso que considerava, sem entender ao certo o vocabulário, de "gramática de doutor" — sem compreender que fraternidade havia sim, bolizada no seu sangue mestiço.

A você, que era um herói e que agora é o mar — imenso coração que pulsa ao lado de todos os continentes, a você que não tem história, nem data em homenagem à sua morte na luta — as minhas reverências, camarada. Meus cumprimentos, companheiro morto.



Vestido de Espuma

RAIMUNDO NEWTON DE MENEZES

O MAR ESTAVA COM GANA DE DEVORAR A PRAIA.

E LIMPAVA A AREIA, COM A CAUDA DO SEU VESTIDO DE ESPUMA.

E GUARDAVA NO SEIO, AS MIGALHAS QUE ENCONTRAVA, COMO SE FOSSE UMA MULHER VOLUTUOSA, COLECIONANDO AMORES...

Os Moleques de João Pessoa

DJALMA VIANA

Este artigo foi publicado pela 1.^a vez no suplemento LETRAS E ARTES, do jornal A MANHÃ, do Rio de Janeiro, no dia 10 do corrente

CONFESSEI que me deixei vencer pelo suplemento literário do jornal "A União", de João Pessoa. "Correio das Artes", o seu título. Alguém, e já não me recordo quem, me falara no caderno literário dos paraibanos como de uma coisa que, fora o Rio, não se encontrava em São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte e Recife. A seguir, outros me afirmaram, com grande respeito pela província, que o suplemento literário orientado por Edson Régis punha no chinelo a maior parte dos suplementos dos jornais cariocas. Estava escrito, porém, que viria a conhecer o suplemento pelas mãos desse meu querido amigo que é José Simão Leal, o calvo. O homem, que é um paraibano de quatro costados — sempre menos universalista que Santa Rosa e menos regionalista que José Lins do Rego — levou-me lá ao nono andar do Ministério da Educação e, com ares assim de quem estivesse a me apresentar uma respeitável dona boa, não poupou a língua:

— Veja, seu Djalma, é do Norte!

Tenho comigo, neste instante, doze números do "Correio das Artes". Já os examinei com a severidade de um inveterado leitor de suplementos, desci ao seu miolo e devorei a sua papa, levei seu papel ao nariz e sondei o bom gosto, para concluir finalmente ser inacreditável o que se está fazendo na Paraíba. Não dispendo infelizmente da certidão de nascimento dos seus colaboradores, mas conhecendo-os tão somente por intermédio das colaborações, posso assegurar que além do bom gosto, o que se derrama pelas páginas é vida. E muita vida, eu juro.

São dezesseis páginas batidas, esplendidamente ilustradas, movidas por uma apresentação técnica admirável. O feitiço gráfico, porém, pouco importa. Mas o que importa é dizer que o suplemento literário de "A União", considerado assim em confronto com os outros suplementos literários, elimina definitivamente o preconceito

imbecil que sempre ironiza o melhor trabalho provinciano. Põe numa espécie de concurso de beleza à sombra de Quintandinha, recrutados os cariocas e os paulistas, difícil não será prever que apenas um ou dois suplementos poderão com ele competir. Feito para o país inteiro, e alguns dos seus números superando a maior parte das nossas revistas literárias, não perde em momento algum o caráter singularmente regional. Sem a menor dúvida, sobretudo sem o menor exagero, "Correio das Artes" constitui uma extraordinária lição que nos chega da Paraíba.

Imagino, à distancia, o enorme esforço, a extrema dedicação mesmo o sacrifício que permitiram tamanha realização. E dizer-se principalmente que um caderno literário como "Correio das Artes" surge em uma época de duro couro para a literatura, em um tempo em que grandes jornais cariocas su-

primem seus apêndices literários por drásticas medidas econômicas... Mas é Precisa. mente daí, dessa coragem em valorizar a literatura e a literatura colocar acima de tudo, que sai a lição. Com a sua equipe de cabeças chatas, disposto a salvar a literatura na província quando ela perece nos grandes centros urbanos, Edson Régis conseguiu mais que fazer um dos melhores suplementos literários deste país. Rigorosamente como aquele Moisés, arrancou água das pedras nuas.

Água bem melhor que a do côco, certamente. Não direi seja melhor que a aguardente de Campina Grande, mas direi que preferirei ler o suplemento de "A União" a aguentar em seco a rotina domingueira dos suplementos cariocas e paulistanos. Censurar-me-ão os escribes urbanos e civilizados, os tropicalíssimos letrados da rua do Ouvidor e do restaurante de Herbert Moses, que estou

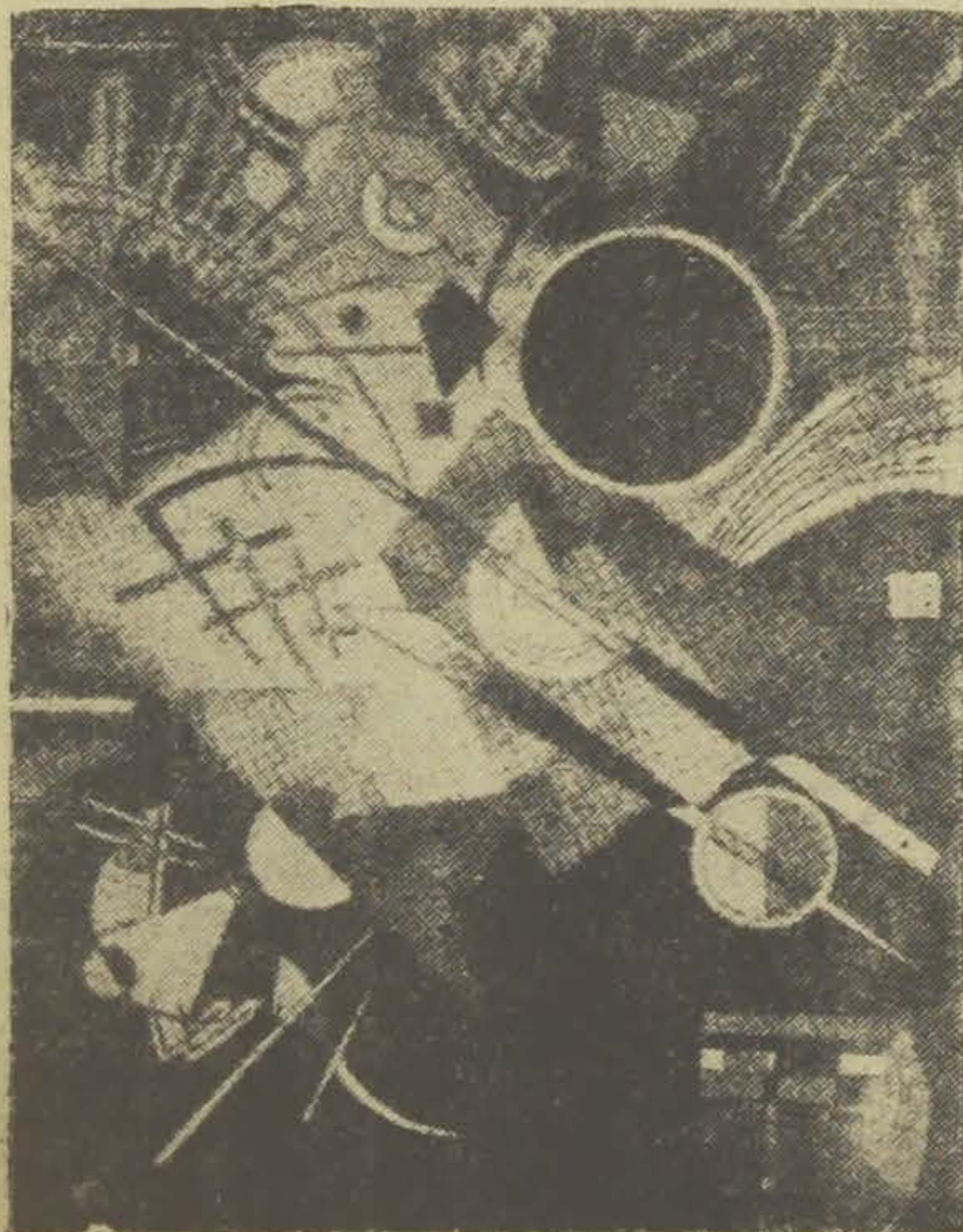
querendo fazer da literatura um produto rural. Como argumento, negarei aos cabeças chatas de João Pessoa os títulos indefectíveis de uma glória mundana — simples mosqueteiros, acrescentarão, quando temos os duques e os reis. Para mim, porém, como não ignoram os leitores, os títulos valem pitangas. Envio tranquilamente ao inferno todas as glórias e às batatas recheadas as medalhas que, em uma cidade sem "pregos", só podem sem empenhadas mesmo na Caixa Econômica. O que desejo é uma tarefa assim como a própria casca da terra, sem cabolinismos, tão humilde que não chega a acreditar em si mesma. O que quero é sentir, ao lado desses cabeças chatas, no convívio desses rapazes que sabem tirar poesia da ponta de uma faca, o que quero é sentir, dizia, a literatura, assim como uma cobra cascavel sente a música:

— Na base dos instintos, sem aparência de eruditismo cretino, sem citações maviosas, sem fuleiragens:

No entanto, se por aí alguém julga que os colaboradores de "Correio das Artes" são artistas como os primitivos da pintura, arrasto logo o pé e chuto bem por cima. São artistas, sim, mas conscientes. E, como qualquer sujeito informado telegraficamente de tudo o que se passa neste mundo em matéria de cultura, esses de João Pessoa não ignoram nada de coisa alguma. Conhecem Sartre tão bem quanto as proezas de Olivier na adaptação cinematográfica de "Hamlet". Não conduzem André Gide em sovaco, mas nas cabeças chatas. E a melhor ilustração disso, o exemplo direto desse interesse pela cultura como uma expressão universal, nós a topamos exatamente em "Correio das Artes".

— Seu mundo ali está.

O registro literário atin-



KANDINSKY. ACOMPANHAMENTO PRETO

ge naturalmente as capitais do globo. Londres como Roma, Paris como o Rio, mas nada impede que uma página inteira se abra para conter o que literariamente se fez ou se faz em Campina Grande. A cidade do sociólogo Lopes de Andrade — que ainda ontem me enviava uma autêntica faca paraibana como brinde para os meus melhores inimigos — geograficamente mais importante que Paris, literariamente é um lugar de respeito para o bando de Edson Regis. Estranha fidelidade ao sertão que comove e comove ainda mais quando vemos o sertão responder com uma fidelidade espantosa à literatura. Em Campina Grande como em João Pessoa — atesta o "Correio das Artes" — um poeta é um poeta, um crítico é um crítico. E que se afirma a bem da fé pública e da verdade dos cartoristas:

— Ninguém escreve pensando em sinecuras!

Por isso mesmo é que temos que nos confessar vencidos diante desses cabeças chatas. Antonio Brayner ou Antonio Franca, Bandeira Tribuzi ou Carlos Romero, Clovis Assumpção ou Dilermano Luna, Hamilton Pequeno ou Juarez Batista, todos eles, que compraram com a literatura uma parada de vida ou de morte, escrevem no caderno literário de "A União" já esquecidos de que outrora os escritores das províncias não podiam sobreviver. Mais que os grupos de Santa Catarina e Goiás, Ceará e Minas, eles revelam a independência, uma espécie de amplo treze de maio em relação à metrópole e às suas modas. Adultos, agora conduzindo nas costas os próprios destinos, já dispensam os conselhos, os palpites, as orientações. O tabu literário da metrópole já não pesa. E, o que ainda é mais sério e surpreendente, já começam a impor à metrópole — como nesse caso tão magnífico do seu "Correio das Artes" — os seus valores, a sua mercadoria, a sua presença. A metrópole provavelmente abalará a cabeça porque o valor é bom, excelente a mercado-

ria e esplêndida a presença.

Austeridade não falta. Embora Simeão Leal me assegure que Edson Regis e o grupo do "Correio das Artes" organizam neste momento uma revista — uma espécie de suplemento ao suplemento — que se intitulará "moleque", a verdade é que eles andam bem longe da molecagem. A seriedade caracteriza tudo, tanto o pequeno ensaio sobre o existencialismo quanto a simples nota de saudade sobre um poeta morto, e é uma seriedade sadia, sem o pedantismo dos gagás e laços de gravatas medidos a régua. Aliás — e eu sobretudo que o diga — nesta história de molecagem em literatura, nós apenas a encontramos nos recintos azuis e condicionados, entre os acadêmicos hebdomadários e a arraia graúda que se reúne em convescotes para contar a última anedota picante e glosar em mote o mais grosso palavrão... Os moleques de João Pessoa, que a si próprios assim se batizam, de moleque talvez tenham a origem, tenham unicamente a grande liberdade que os impulsiona no trabalho literário de todos os dias.

Mas, moleques mais sérios que os doutores e sobretudo mais sérios que os espoletas de uma falsa cultura, os rapazes de João Pessoa não devem se orgulhar. Não devem cantar de galo porque, se já fizeram muito, e fizeram melhor que outros que dispõem de favoráveis condições materiais, fizeram tão somente o que deviam fazer. Se fizeram no entanto, e não fizeram os outros cabe menos o elogio a eles e mais a censura aos outros. Na verdade, os bolidos das metrópoles, quer por indolência mental ou quer em consequência de uma grave crise de cabeça, já não caminham. Arrastam-se, decadentes, acumpliciados com uma publicidade que julgam ser capaz de salvar este mundo e o céu também. São bacilos em caldo de Mangueiros que, presos em um tubo de vidro, já não furam as vísceras e já não matam como devem matar os bacilos. Orquídeas de estufa, em gás de estufa, que provocam espirros. Eles, porém, os mole-

ques de Edson Regis tanto quanto os moleques que agora declamam país a dentro, não têm Montaigne deitados em colchão ianque. Mas decoram Shakespeare sobre os estrumes das vacas e, quando escrevem, não atraíam os ossos e a saliva da boca. Entre eles e nós a diferença que existe é esta, no duro:

— Nós somos os técnicos. Eles são os criadores.

E criar, criar mais que procriar, é o que estão fazendo. Hoje, com o "Correio das Artes", exercitam os músculos de antigos empinadores de papagaios, abrem as narinas para colher um ar ainda não empestado de fórmulas idiotas e especializações enxutas como mantas de charque. Amanhã, despacharão para aqui — a tábua literária de lugares comuns — os seus livros. E não será impossível que voltemos a a prender com eles, que com eles voltemos a situar a literatura em seu clima exato que é um clima de inspiração sem métodos e de trabalho sem regulamentos. Mas antes que Simeão Leal possa me assustar em suas gavetas de arquivista, antes que o João Condé consiga lotar o navio com os seus papéis de colecionador, declaro com solenidade que já estou de projeto armado:

— Tomo-me de mim mesmo e boto-me para João Pessoa!

Notícias

O LIVRO MAIS VENDIDO

UMA "enquête" realizada nas livrarias de Belo Horizonte revelou que o livro mais vendido, ultimamente, foi ESCOLHI A LIBERDADE, de Vistor Kravshenko.

"PETALAS AO VENTO"

RECEBEMOS um exemplar do livro PETALAS AO VENTO, uma coletânea de poesias (haikais) de autoria de Fanny Luiz Dupré, destacada representante da nova geração literária de São Paulo.

ENFERMO O DEP. DAMASIO ROCHA

LETRAS E ARTES informa que o deputado Damasio Rocha está enfermo. O ilustre parlamentar, que é um intelectual de maior relevo em nosso movimento literário, muito tem se interessado pela nossa cultura, sendo assíduo colaborador dos suplementos sulistas.



VELAS BRANCAS

SEBASTIÃO SIQUEIRA

VELAS BRANCAS SINGRANDO NOVAS RÓTAS,
AONDE IREIS SOBRE ESSE MAR BONANÇA?
CÉU AZUL, CÉU AZUL, CÉU DE ESPERANÇA,
DE QUE SÃO NUENS BANDOS DE GAIVOTAS...

ESTE PRENÚNCIO DE UMA VIAGEM MANSA
A LONGINQUAS REGIÕES, PLÚMBEAS, IGNOTAS,
FAZ-ME ANTEVER AS VOSSAS QUILHAS RÓTAS,
NÃO RESISTINDO AO TEMPORAL, QUE AVANÇA!

IMPRESSIONA-ME A INTIMA APARÊNCIA
EXISTENTE ENTRE VÓS E AS CRIATURAS
QUE VIVEM, TORTURADAS, E SONHANDO:

VÓS PELOS MARES, NÓS PELA EXISTÊNCIA,
LÉDOS PARTIMOS A BUSCAR VENTURAS
E SÓ DESILUSÕES VAMOS ACHANDO.

Meu Professor de Escola Primaria

LUIZ WANDERLEY TORRES

A propósito do sr. Alfredo Lustosa Cabral, autor de um livro intitulado "Dez Anos no Amazonas", prestes a sair em edição da Escola Industrial, desta capital, com prefácio do sr. Octacílio N. de Queiroz, escreveu o sr. Luiz Wanderley Torres, advogado e jornalista paraibano, ora residente no interior do Estado de São Paulo, o seguinte:

A CIDADE, quantíssima, parecia se embalar sonolenta ao ritmo das vozes dos alunos da escola do Professor Alfredo que recitavam o b-a-bá. Era um recitativo interminável, que durava horas, por vezes interrompido pelos estalões energéticos da palmatória e logo reencetado num ritmo mais vigoroso até o esmaecer da tarde.

Depois, era o debandar da gurizada no rumo de casa, ou em busca dos porcos no rio Espíngaras, nas épocas de bom inverno.

Enquanto que o professor, fechava a classe, lá para as rodinhas amigas, conversar em política, ou desfiar longas histórias do tempo em que ondoou pelo Amazonas, histórias que pareciam sempre novas.

Mal se lhe davam as agruras passadas, as dificuldades presentes, as aperturas econômicas, aflitivas que quase nunca o abandonavam.

Suas lutas íntimas, guardava-as para si, apresentando-se sempre aos amigos com ar paciente, atento e afável. No dia seguinte, recomeçava o rosário de trabalhos, enfrentando na classe meninos cabeçudos, que desafiavam resolutos a sua paciência e a sua bondade. E pouco a pouco, aqueles temperamentos rebeldes, ferozes, ónicos, quase sempre mal criados e agressivos, iam sendo desbastados, modelados à feição do mestre.

A palmatória lhe era o último recurso, mais de defesa à sua autoridade que modo de introduzir à força nos crâneos obusos os ensinamentos. E o pão do trabalho lhe chegava às mãos todos os dias, suado, de fornados sempre as mesmas, entra ano e sai ano.

Para qualquer outro, o ser professor de escola pública no sertão, há quasi trinta anos, era o suficiente para encerrar o quadro das aspirações na vida. Na velhice lhe chegaria às mãos a aposentadoria como paga

dos trinta anos ininterruptos de trabalho e esforço.

O professor Alfredo não era porém desse temperamento.

Quando enfrentara o Amazonas, era analfabeto, paupérrimo, magro ainda. E depois de uma verdadeira batalha contra as maras, contra o clima, contra a molária resolvera voltar à sua cidade natal.

Durara dez anos de luta sem quasi resultado. Já maduro em idade, resolveu estudar. Com paciência beneditina fôra desbravando a inteligência a penetração da nova luz. Até que venceria.

Conseguiu não só alfabetizar-se, como, o que é admirável, ser professor público em sua terra! Já nos albores da velhice.

Passou então a prestar um serviço incalculável aos seus contemporâneos, na época em que, naquele vasto sertão, eram raríssimos os professores. Alfabetizou-lhes os filhos que daí saíam diretamente para os colégios na Capital ou no Recife.

Mal ouvia o mestre que por suas mãos iam passar futuros secretários de Estado, um bispo, deputados, advogados, médicos, prefeitos, vereadores, cujos cérebros, então virgens para a semeadura das letras, receberam dele os primeiros lampejos.

Enquanto isso o velho professor Alfredo, humilde e modestíssimo prosseguia na dura tarefa de aclarar mentes.

Mas, para pasmo dos que o conheciam, o velho professor, ele mesmo não fez ponto final nos seus estudos: prosseguiu e a custa de esforço inaudito conseguiu formar-se em Odontologia pela Faculdade do Recife quando já se curvava ao peso da idade e lhe começavam a aparecer os primeiros fios brancos! (O professor Alfredo tem meio sangue de cabôlo...)

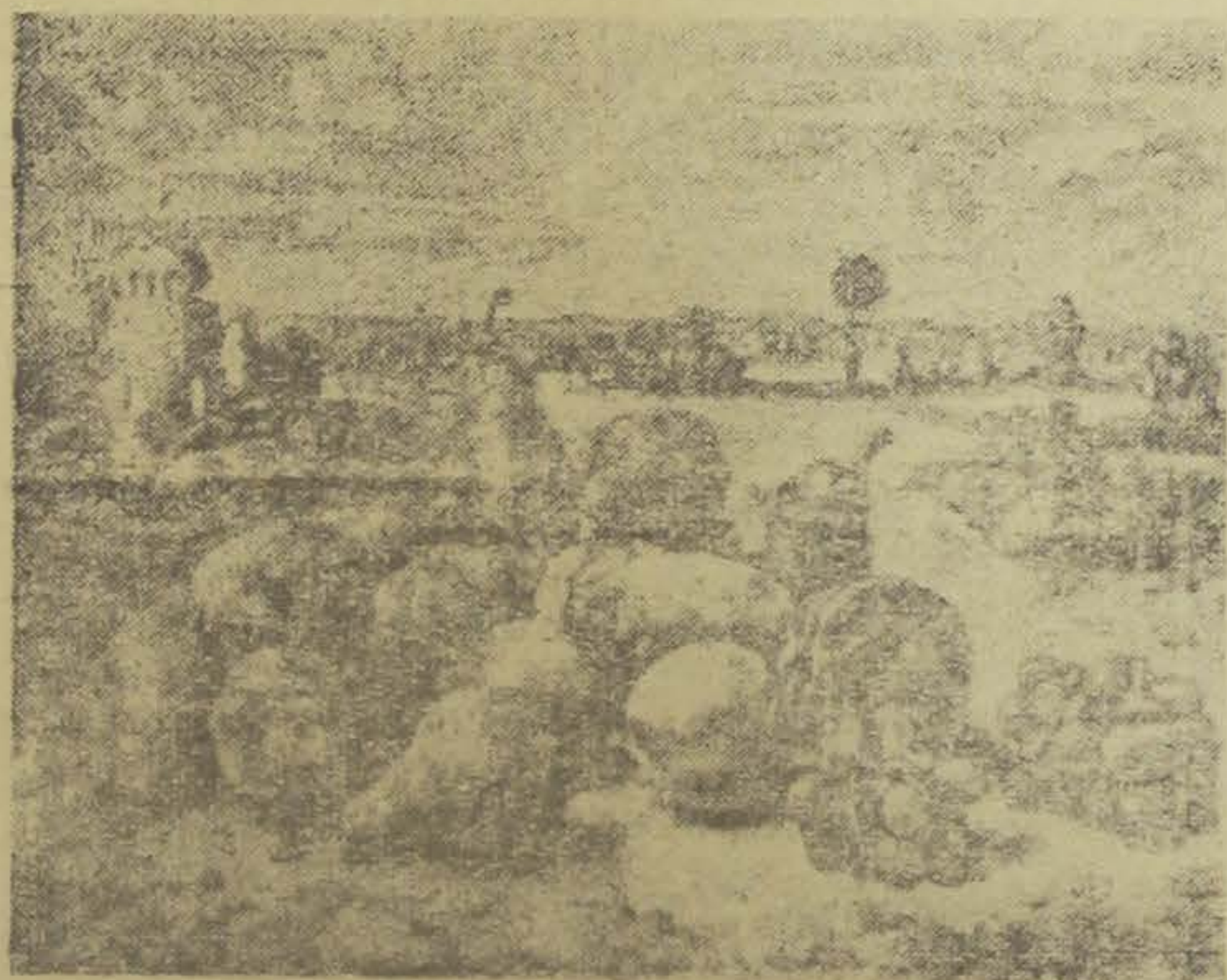
Hoje está aposentado;

mas exhibe triunfante o título de Dr. com todas as letras. E apagou de vez o antigo, considerando quasi uma agressão física o chamá-lo de professor Alfredo. No primeiro ano da nova atividade conseguiu arrancar 640 dentes aos seus contemporâneos, o que vem demonstrar uma atividade verdadeiramente tremenda nessa nova arrancada.

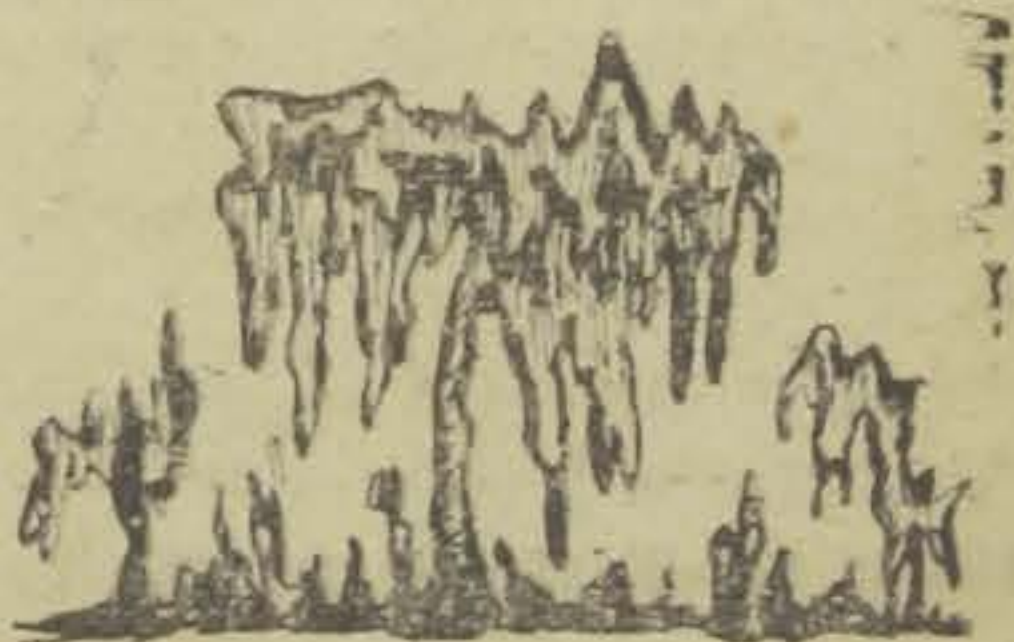
Temos também ainda uma surpresa admirável: No terreno das letras está o Dr. Alfredo Cabral com uma Oonografia Histórica sobre o Município onde nasceu já pronta aguardando ser oportunamente publicada e mais o livro intitulado: "Dez anos no Amazonas".

O autor narra em síntese sua viagem e permanência na região quasi inhóspita no tempo em que por lá esteve. E, pois, em summa um ligeiro trabalho e o público leitor verificará no mesmo os lições de um jovem que aos quatorze anos de idade arrojou-se em aventuras por aquele mundo afóra em busca de melhores dias à sua existência.

Tem razão Alexis Carrel em fazer diferença entre o tempo interior e o tempo solar. A alma do Dr. Alfredo Cabral nunca deu sinal de desfalecimento, apesar dos anos; ao contrário! Tem revelado aos seus ex-alunos, — que há muito julgavam dispensados os seus ensinamentos — que os verdadeiros degraus para o triunfo são a capacidade de sacrifício e a persistência.



NATUREZA MORTA — Chirico



"Na Espadana Branca"

UM CONSELHO DE MAUGHAM

— A REVISTA DO GLOBO publica, em um de seus últimos números, uma entrevista de Somerset Maugham, na qual há uma porção de conselhos do velho romancista aos valores que vão se empoleirando no campo das letras.

Esse mestre da ficção não demonstra o mais leve ressentimento contra os debutantes.

E' mais uma lição do que uma entrevista, onde Somerset Maugham procura orientar os novos através de sua longa e atribulada experiência de homem de letras. O grande romancista aconselha, sobretudo, o estilo claro, direto, simples. Condena o simbolismo, na ficção, a frase florida e pretenciosa.

Finalmente, encontramos esta verdade: "Um escritor deve sempre lembrar-se que está procurando fazer com que os leitores acreditem na sua história. Quando os leitores não acreditam, a história está liquidada. Alguns grandes livros ficaram estragados para mim por causa da falta dessa qualidade".

"JORNAL DE LETRAS"

Os irmãos Condé lançaram o seu suplemento literário JORNAL DE LETRAS, causando verdadeiro entusiasmo em nossos meios culturais.

Chegou-nos às mãos um exemplar do 1.º número desse tão digno jornal e a impressão que tivemos foi a melhor possível.

Trata-se, sem dúvida, de uma publicação que merece os me-

lhores aplausos, não só pela moderna feição gráfica, mas ainda pela movimentação da matéria e critério seletivo nos trabalhos apresentados.

JORNAL DE LETRAS veio enriquecer o nosso movimento literário e muito poderá fazer em prol da nossa cultura.

Estampando em suas páginas trabalhos de novos e velhos intelectuais, além de um variado serviço de ilustrações, JORNAL DE LETRAS impõe-se à admiração de todos.

CARLOS ROMERO

ASSOCIAÇÃO PARAIBANA DE ESCRITORES

Foi fundada, nesta cidade a Associação Paraibana de Escritores, comparando à seção vários intelectuais conterrâneos.

Na reunião preliminar, foi aclamado presidente da diretoria provisória o escritor Celso Mariz, membro da Academia Paraibana de Letras.

Durante os trabalhos, o presidente nomeou a comissão encarregada de elaborar os estatutos da nova sociedade, que ficou constituída de três escritores.

Compareceram à reunião de fundação os seguintes intelectuais: Celso Mariz, De Castro

e Silva, Dilermando Luna, José Leal, Carlos Romero, Juarez Batista, Eduardo Martins, Hamilton Pequeno, Edson Regis, João da Veiga Cabral, Hilton Marinho e outros.

A próxima reunião da Associação Paraibana de Escritores será oportunamente anunciada pela imprensa local.

"A BEM AMADA QUITERIA"

S AIRÁ brevemente, em edição do JORNAL DE CARUARU, o livro de poesias do sr. Lício Neves, A BEM AMADA QUITERIA. O sr. Lício Neves é um dos bons valores da poesia moderna, que já tem aparecido em suplementos e revistas literárias do país,

CONFERENCIA DO JORNALISTA ANIBAL FERNANDES NA A. P. L.

A ACADEMIA Paraibana de Letras vem se movimentando no sentido de comemorar o centenário de Joaquim Nabuco. Em dias da semana passada, uma comissão composta dos acadêmicos Oscar de Castro e Floscolo da Nóbrega, dirigiram-se ao Recife a fim de convidar o jornalista Anibal Fernandes para pronunciar, na sede daquele sodalício, uma conferência sobre Nabuco, em 19 de agosto próximo.

A A. P. L. também prestou significativas homenagens na data da passagem do centenário de Venâncio Neiva.

"REVISTA BRANCA"

RECEBEMOS o número 7.º da REVISTA BRANCA, uma das mais elogiadas publicações dos representantes da atual geração literária brasileira, editada no Rio.

Dirigida pelo conteur Saldanha Coelho, REVISTA BRANCA apresenta no presente número escolhidas colaborações.

Nesse número 7.º a referida revista publica trabalhos de Haroldo Bruno, Saldanha Coelho, Braulio do Nascimento, José Condé, Afonso Felix de Souza, Constantino Paléologo, Paulo Armando, Maurílio Bruno, Da Costa e Silva Filho e outros.

LIVRO POSTUMO DE ALEXIS CARREL

ANUNCIA-SE para breve em Paris um livro postumo do dr. Alexis Carrel, que há quinze anos fez tanto ruído com L'HOMME, CET INCONNU. Intitula-se VOYAGE DE LOURDES, sendo seguido de FRAGMENTOS DE JORNAL e MEDITAÇÕES.

Por outro lado, informa-se da Paris que a Biblioteca Nacional acaba de expor algumas de suas aquisições feitas nestes

últimos anos. Entre elas, um volume de Verlaine anotado pelo próprio poeta; um livro de Montaigne, que pertenceu a Stendhal e por este anotado; um manuscrito de Diderot e varias cartas de Benjamin Constant.

GALERIA DOS NOVOS

DA seção dominical de Saldanha Coelho, no DIÁRIO CARIOCA, transcrevemos a seguinte nota sobre o escritor pernambucano Haroldo Bruno, um dos autênticos valores da nova geração literária brasileira:

Haroldo Bruno nasceu no Recife, em Pernambuco, a 15 de abril de 1923. Publicou seus primeiros trabalhos em revistas e suplementos literários locais, mostrando-se desde então possuidor de sensíveis qualidades para o gênero da crítica. Em seus artigos hoje escritos nos mais importantes jornais do Rio e dos Estados, sem falarmos das revistas de jovens escritores, nas quais ele colabora assiduamente, transparece sua forte vocação para a análise e a interpretação crítica, que o situa, pela sua perspicácia e flexibilidade estilística, entre os mais inteligentes e promissores representantes da atual geração.

TEMPORADA DE ARTE EM NEW YORK

O CRÍTICO de arte, Carlye Burrows, do New York Herald Tribune, disse que a temporada artística de 1948-49, em New York, foi de uma grande série de boas exposições.

Refere-se ele ainda à exposição de pelo menos seis importantes companhias francesas e quatro americanas, no campo da arte moderna, de definitivo interesse histórico, e mais duas chinesas, duas inglesas e uma italiana, todas com espetáculos de grande interesse para as diversas espécies de público.

CONTISTAS PERUANOS

DILERMANDO LUNA

NENHUM problema, mais desolado e sempre renovado que o da cultura americana, especialmente da América ibérica porquanto, a América anglo-saxônica com a sua civilização técnica e o seu predomínio econômico, pode prescindir da cultura como fator de valorização própria. Perguntamos todavia: temos nós, ibero-americanos, uma cultura?

Toda investigação necessita um ponto de partida, ora apoiado na afirmativa, ora na negativa de uma suposição prévia que se não deve manter dogmática. Assim, admitamos em princípio que, somos detentores de uma cultura, na qual reconhecemos três períodos excluindo-se a época pré-colombiana.

O primeiro, entre o descobrimento e a independência política, caracterizado pelo predomínio, espiritual espanhol e português e se no século XVIII, a cultura francesa começava a se infiltrar na América espanhola, era pela transfusão operada na própria Espanha, onde um rei Bourbonneto de Luiz XIV, degenerava o vitalismo castelhano, pelo amaneiramento da corte de Versalhes.

O segundo, da independência à guerra de 1914-1918, dominado pelo gosto francês, plenamente explicável como decorrência política e ideológica e ainda, pela aproximação linguística.

O terceiro, finalmente, em que a América, de certo modo descrente da Europa como demonstram, o colombiano Baldomero Sanín Cano e o argentino Juan B. Taran, procura se bastar a si mesma, sem poder contudo, o contacto com a Europa onde a França não mais monopoliza. Proust é tão lido quanto Aldous Huxley e Ortega y Gasset. Neste momento, o americano desiludido e o europeu ressentido por haver perdido um grande mercado, não só comercial como espiritual, procuram duas soluções parcialíssimas para o problema.

Uma, a do homem america-

no, advogando uma cultura autóctone, emancipada de europeísmos. A outra, do homem europeu, para quem a América é simples receptáculo passivo da Europa, como no caso recente do intolerável Giovanni Papini. Porém, mesmo que a cultura americana seja um ramo da cultura europeia não está isenta, esta aceitação, de discussão.

O mexicano Alfonso Reyes, se não admite uma civilização e cultura americanas afirma no entanto que há uma inteligência e uma humanidade da América e que esta inteligência pode servir de lição, à humanidade europeia. Observa Reyes que o nosso escritor, é alguma coisa além de escritor e desta síntese do homem intelectual, forçado pelas circunstâncias a ser homem de ação, pode derivar um modelo futuro, para o homem do velho continente. Esta concepção do pensador mexi-

cano, tem parentesco com a teoria da síntese, do argentino Francisco Romero, para quem, a filosofia europeia dilacerada em formas nacionais e raciais, há de encontrar a sua expressão pura, na unidade ibero-americana.

Para nós outros, — falo por mim e por alguém que aprova o meu pensamento — o problema entretanto deve ser equacionado do modo seguinte: a Europa tendo atingido um estágio de cultura e civilização superior aos demais povos impôs as suas normas, ao subtrato de outras raças, estas, as recebendo adaptaram-se as normas impostas, conservando no entanto, os seus caracteres substanciais, em maior ou menor escala, conforme o contingente de miscigenação e pôde mesmo ultrapassar os elementos europeus quando, a assimilação se harmonizou com os seus dados psíquicos pregressos,

operando ao mesmo tempo uma transformação, proporcional a necessidade do mimetismo, nas instituições europeias chegadas à América, após Colombo.

Se hoje evidenciamos a diferenciação e ultrapassamento da arquitectura barroca da América em relação ao barroco europeu, é porque esse estilo, pelo seu monumentalismo e decorativismo, condizia com as aspirações arquitectónicas indígenas. Angel Guido, citado por Luis Alberto Sanchez, afirma que à vista do templo de San Lorenzo de Potosi, sentiu que o artista indígena completou o ideal barroco da Espanha. Pedro Henriquez Urenã chega à mesma diferenciação, estendendo-a ao Brasil e escrevendo por outro lado, na sua HISTORIA DE LA CULTURA EN LA AMERICA HISPANICA: "a cultura que espanhóis e portugueses implantam no Novo Mundo, não se podia manter idêntica ao tipo original. Antes de tudo, a simples transplantação obrigava os europeus a modificá-la inconscientemente, para adaptá-la a novos solos e novas condições".

Assim, dessa superação e modificação surgiu portanto um tipo de cultura que poderíamos melhor distingui-la, definindo-a: cultura euramericana, da qual, faz parte como célula mater e prolongamente, a própria Península Ibérica porque, como já notou, um espanhol contemporâneo, José Pijoan, a Espanha de hoje, é mais americana que europeia e certos aspectos de Cadiz e Barcelona são transplantações de Havana.

As duas soluções primárias no filho da América, são sempre perfiçadas de acordo com as atitudes interessadas, derivadas de ideologias e conveniências aprioristicamente espalhadas. Os nacionalistas da esquerda, preocupados com as miseráveis condições das populações rurais e obreiras, adotam a teoria de uma cultura autóctone. Os direitistas advogam o princípio de que, somos



Desenho de Reinaldo Fonseca, especial para este suplemento

culturalmente, apenas europeus.

O Peru, onde outrora situava-se o maior núcleo do império Incaico e que depois tornou-se sede de um dos principais vice-reinados espanhóis, transformou-se por isso numa zona de fricção entre as duas tendências. Lima e Cuzco são imagens desses conceitos opostos.

Cuzco, era a antiga capital dos incas e hoje ainda, é mais Incaica que espanhola. Cuzco é a serena.

Lima, litorânea, capital dos vice-reis, é presentemente, conforme observou Hermann Keyserling, a herdeira direta e o maior centro, da cortesia patológica espanhola.

Em Cuzco viu a luz o Inca meio sangue espanhol, Garcilaso de la Vega, escritor castelhano da Renascença, historiador na metrópole, das duas raças e civilizações conflitantes. Garcilaso foi a primeira expressão preeminente da alma nova, resultado da mestiçagem. Dele, disse magnificamente o mexicano José Vasconcelos: "Tomou em sua consciência a tarefa de fazer uma alma, de duas civilizações rivais".

Em Lima após a independência e em pleno romantismo, nasceu e viveu Ricardo Palma que pelas TRADIÇÕES PERUANAS, tornou-se o mais nacional dos escritores modernos do Peru, donde chegamos à conclusão que a América e a Europa estão tanto em Lima quanto em Cuzco. As duas cidades são estampas da cultura euramericana.

Hoje ninguém pode falar das manifestações literárias em quechua ou mesmo em aimara, como da verdadeira literatura peruana. A autentica literatura da terra conquistada por Pizarro é a que idiomática e formalmente europeia, deixa transparecer a fisionomia da alma peruana mestiça — enriquecida com os complexissimos problemas da mestiçagem — o humor do criticismo e o primeiro e autentico artista peruano moderno é Ricardo Palma, porque seguindo a rota do romantismo, vai por compensação, já que faltava ao Peru a tradição medieval existente na França ou Espanha, descrever e resuscitar, o mundo antigo peruano.

O escritor americano será

tanto mais universal, quanto melhor, souber entrosar nos padrões estéticos europeus as vivências e monadas do homem euramericano e por esta razão, Palma é o escritor mais ilustre do Peru. Outrossim, o conhecimento dos poetas europeus não deu-lhe um Manuel Gonzalez Prada do amor a pátria e vida nativas. O agitado Santos Chocano vivendo largo tempo na Espanha, foi o épico cantor da América. Cesar Vallejo poeta chefe de preocupações sociais, foi um espirito umbelicamente ligado à Espanha e à Europa, enfim um homem de tradições europeias que nem por isso fleou na torre de marfim como demonstrou José Gabriel Cosío numa conferencia pronunciada na Universidade de Cuzco.

A posição intermediária isto é, admitindo-se que a nossa cultura é produto da fusão do mundo americano (crioulo + mestiço + natureza física) com as ideias e formas ocidentais é mostrar uma superior concepção do Problema como o faz Armando Bazan no excelente prefacio, escrito para a sua ANTOLOGIA DEL CUENTO PERUANO, Santiago do Chile, ed. Zig-Zag.

O problema, para ser posto nos seus devidos termos, requer uma visão dialética que se não deve estranhar num discípulo de José Carlos Mariategui, num egresso do grupo de AMAUTA. No seu prologo, Bazan admite que a cultura nativa peruana, a cultura incaica, identica as outras culturas num mesmo tempo histórico, havia fatalmente pela conquista, de ser suplantada por uma cultura mais evoluída como o era, a cultura espanhola à época do descobrimento e havia necessariamente que seguir a civilização e cultura ocidentais desde que, a sua religião, lingua e instituições políticas, são as características do mundo do Ocidente. Em arte e literatura, o que hoje podemos chamar de americana, são os motivos e problemas das diversas regiões e países como fundo à técnica comum ocidental.

Armando Bazan, citando o exemplo do pintor mexicano Diego de Rivera, torna claro esta nuance americana. Rivera passou vinte anos visitando diariamente o Louvre, a sua concepção neo-clássica vem de Marx e o seu estilo se deriva de Botticelli e Giotta. Somente o motivo dos seus murais, o extra-pintura é mexicano, te-

lurica e racialmente ibero-americana.

Nos contistas modernos peruanos, encontramos essa mesma característica apontada na pintura de Rivera. Em Ricardo Palma, Cesar Vallejo, Abraham Valdelomar, Ventura Garcia Calderon, Cirio Alegria e Fernando Romero, encontra-se a estencia mestiça indo-ibero-americana em vasos europeus.

Abre a antologia da qual nos ocupamos, três "tradições" — mixto de historia e fantasia — de Ricardo Palma, onde transparece o trágico e humorístico do romantismo. Palma limenho é acusado de colonialismo literário por um crítico cuzquenho, no entanto para nós, o seu maior defeito consiste na falta de unidade dos seus "contos", introduzindo no meio de uma narração histórica, trechos da História que se não relacionam com a sua contextura.

Tomemos uma das "tradições" inseridas por Bazan, LA EMPLAZADA. A ação se desenrola na época do vice-rei Don Melchor de Liñan y Caceres e adiantando esta circunstancia, Palma não precisaria intercalar numa historia de sentimento individual — o amor e o crime — um panorama da Historia do Peru que em nada se aproxima à existencia privada da protagonista. Numa outra "tradição" não encontramos justificativa para que o destino de uma "muchacha" sem significação social, possa suscitar uma crônica sobre o governo do Senhor de Cuzco.

Após Ricardo Palma vem outros limenhos, como o ironista Manuel Belinghiera, Clemente Palma, cuja principal marca é o sadismo das suas personagens. Hector Velasco que podemos aproximar de Luigi Pirandello. O seu conto, SOCIAS, no qual um correto mago se desagrega mentalmente por força da solidão, vai dar nascimento a uma outra personalidade que não mais é absolutamente pirandelliana. Também foi pirandelliano o célebre siciliano, nos parece o conto da outra natural de Lima, Maria Velasco, intitulada EL HOMBRE QUE SE PARECIA A ADOLFO MENJOU, em que o simples conhecimento da semelhança física, transforma a



Uma das ilustrações para CRIME E CASTIGO, do pintor paraibano Santa Rosa



Desenho do jovem artista Fernando Pedrosa, especial para este suplemento

APARIÇÃO DE MARGOT

J. J. TORRES

A LUZ DESCEU DO CÉU
COBRINDO OS VALES, AS MONTANHAS
E OS FRUTOS AMADURECIDOS.
O VENTO SOPROU COM VIOLÊNCIA
ABALANDO AS ÁRVORES
E JOGANDO AS FLORES AO CHÃO.
MAS SURGIRAM COM ELE
A LEMBRANÇA DE MARGOT,
O CHEIRO DE SEU CORPO
E A IMPRESSÃO FORTE DE SUA PRESENÇA.
COM MARGOT
NASCEU A POESIA
E NASCERAM AS ESTRELAS.
COM MARGOT
VIERAM A MÚSICA PERFUMADA DOS BOSQUES
E UM GRANDE ANSEIO
QUE TRANSFORMARÃO O AMOR DOS DESESPERADOS
E ALIMENTARÃO OS QUE SE ABALARAM
COM O AMARGOR DAS DISTÂNCIAS.
MARGOT TRAZ CONSIGO
A CERTEZA FIRME, FORTE, INABALÁVEL
DE UMA FELICIDADE LONGAMENTE DESEJADA
E DURAMENTE SENTIDA...

consciência moral. Rosa Arciniega, também natural da "cidade espanhola" apresenta-se com um conto, a nosso ver, incompleto como teremos de mostrar mais adiante.

Alfredo Yépez Miranda, ensaísta de Cuzco, não reconhece os artistas de Lima como representativos da cultura peruana. Para ele, a costa é sinônimo de subserviência artística, o perpetuo sentimento colonial. Somente os Andes, a serra, pela predominância do índio e pela expressão estética da sua vida, é a forjadora de uma literatura própria. Para Yépez Miranda, o limenho Ventura García Calderón, de quem Armando Bazan inclui dois contos na citada antologia, é mais ou menos um sofisticado, que seguindo o gosto europeu pelo exótico posterior à primeira grande guerra contemporânea, volta-se como mero assunto para exploração estética, para o índio e a sua palatagem. O argumento é parcial. Seus dois contos que conhecemos, COCA e AL ALFILER, se não parecem mais próximos do Perú, como o entende Yépez Miranda, que CERA do trujilense Cesar Vallejo. Como interpretação da paisagem e dos costumes valem tanto, como a obra de Abraham Valdelomar que não nasceu em Lima. Diz-

Canseco limenho, penetrado do mulatismo peruano é menos castelhano pelas alterações do idioma que Arturo Burga Freitas.

Para Yépez Miranda, parecemos não haver lugar, na literatura peruana, para a poesia de José María Eguren, pelo simples fato de se alheiar das preocupações burguesas de Lima ou do ambiente primitivo da serra, procurando o mundo do sonho e da realidade subjetiva. Perguntamos: a eliminação das faculdades imaginativas não retira da literatura o que há em si de mais fundamental? Por outro lado, não é a simples apresentação de um tema puramente indígena que confere ao escritor, um caráter puramente Peruano. Os que tratam a selva como o próprio Armando Bazan e Fernando Romero, são tão descobridores de uma realidade, como Enriquez Albuja, cujo USHANAN JAMPI é um maravilhoso conto épico.

Luis Alberto Sanchez, nota que a hegemonia do formal em relação ao substantivo, conduz o peruano à ausência da filosofia e que para ele é um dos traços indígenas. Podemos dilatar esta observação aos demais povos da América Ibérica para reconhecermos todavia, que aquela hegemonia é tam-

bém fundamentalmente ibérica. Recordamo-nos que Hermann Keyserling estudando a psicologia de Portugal observa a mesma ausência de espírito filosófico nesse país, chegando à conclusão que nele predomina a arte naturalista sobre a arte de inspiração. Daí a nossa incapacidade filosófica ser eminentemente ibérica. A Espanha mesmo, deu grandes místicos, mas não grandes filósofos. Embora se exalte as figuras do venezuelano Andrés Bello, do uruguaio Carlos Vaz Ferreira, dos argentinos Alejandro Korn e Francisco Romero, do brasileiro Farias Brito, são eles soquizes das correntes e sistemas tipicamente europeias não espanholas.

Essa incapacidade ibero-americana, há que se evidenciar literariamente, na falta de metafísica da prosa. O grande romance ibero-americano não transcende de um naturalismo quando muito psicológico e como a literatura sem problemática encontra melhor solução no conto já que a natureza do conto é mais direta e física, é por este motivo mesmo que o Perú, apresenta um grande número de contistas em desproporção aos romancistas.

Os gêneros literários obedecem a leis internas e externas. O conto tem a sua razão de ser numa história concluída, não

importando o tempo exterior. Se o romance tem varias dimensões o conto tem apenas uma. O conto se realiza em superfície. Realiza-se narrando num rigor lógico e descritivo o sonho, mas não o sonho enquanto na sua natureza pura e desordenada.

Todos os contistas peruanos reunidos por Bazan, conhecem a natureza do gênero que abraçaram sem degenerar no abismo do inconsciente ou na altura do puro intelecto, campos do romance. Nessa antologia, apenas Rosa Arciniega com o seu conto VISCERAS DE LA CIUDAD dá a impressão de haver escrito um trecho de romance onde as sensações se desenvolvem no mundo imaginativo da personagem.

Agora, para terminarmos qual a contribuição dos contistas peruanos à cultura do Ocidente?

Esses contistas se expressam em língua espanhola e receberam os influxos da cultura europeia, cosmopolitas ou regionais, entretanto, acrescentaram um novo andar ao edifício de uma cultura quase universal. Esse andar apresenta vitrais que guardando as proporções lineares ocidentais, deixam ver outras paisagens e outros tipos humanos a velha Europa. Esses vitrais têm o mesmo sentido da pintura de Rivera.

O MOÇO CELSO MARIZ

JUAREZ BATISTA

HÁ moços que nascem com uma sombria vocação para a velhice, como se estivessem com pressa de morrer. Moços de cabelos brancos aos vinte anos, verdadeiros Papas-nóes mutilados, sem a majestosa grandeza da longa barba, tristíssimos Santos Claus saídos do campo de concentração, vestidos de jaquetão de sarja, impossíveis de serem reconhecidos pelas crianças.

Este, infelizmente, não é apenas o mal de alguns. É uma peste que se dá ao luxo de enfiar milhões, que fere de morte toda uma geração, particularmente estas melancólicas gerações dos após-guerras, de que tenho a pouca sorte de pertencer à última.

Porém há homens de mais idade que têm uma espécie de vergonha de ver esses moços com medo de viver. Homens que assumem atitudes desabembradas e viris de jovens, e

como que se dartagnanizam para salvar isto que os outros não souberam ou não puderam conservar: essa coragem de criar valores e grandezas, de manter tradições — tradições e não conservantismos ou caturrices regionais —, de reagir contra preconceitos estereotipados. Uma mocidade conformada, aceitando apenas o que foi feito ou o que foi dito, sem vontade de tomar posição de espadachim, é uma mocidade conspurcada pelo destino. E entre os poucos homens de mais idade que se apiedam desses moços sem rosa-dos-ventos, vejo a figura cavalheiresca, muito nobre e admirável de Celso Mariz. E ninguém que fale de Celso poderia deixar de fazê-lo nestes termos: nos de consideração, antes de mais na-

da, à sua fascinante personalidade de jovem. Mas de jovem realmente vigoroso, combativo, imenso. O moço Celso que está longe de pegar o mal dos nossos dias e esquecer as nossas melhores tradições de casa, de costumes, de comidas, de preferências e afinidades eletivas. O moço Celso que não se esquece dos velhos sobrados de azulejo, dos líricos nomes das ruas da Paraíba Imperial, da gameleira de Areia, dos Carões do Pilar, da história do padre Matapira, do Ibiapira, dos Cavalcanti, dos Abiahy.

Mas em Celso esse gosto pelo que se chama por aí de "velharias" que são, entretanto, a seiva dos nossos dias — não é, de forma alguma, saudosismo de homem de idade prolecta, culto ou misti-

ca do passado pelo que ele tenha de oposição ao presente, espécie de vingança de velho asmático para com os valores modernos. Para Celso o passado é fonte, razão de ser das "realidades instantâneas". Compreendê-lo é tornar-se capaz de melhor sentir os nossos dias, melhor interpretar as nossas aspirações.

E justamente por isso é que Celso Mariz, um homem modesto que não sei se me perdoará as sinceridades destas linhas, não pode nunca deixar de aparecer na pequena lista dos moços da Paraíba, como o mais vigoroso, o mais cheio de coragem e de disposição, o mais moço de todos. E isto, a meu ver, vale por uma consagração para esse filho dos Cariris que tem a coragem de ser jovem numa época e num mundo de velhos decrepitos.

Annabel Lee

EDGAR POE

(Tradução de FERNANDO PESSOA)

FOI HÁ MUITOS E MUITOS ANOS JÁ,
— NUM REINO AO PÉ DO MAR...
COMO SABEIS TODOS, VIVIA LÁ
AQUELA QUE EU SOUBE AMAR.
E VIVIA SEM OUTRO PENSAMENTO
QUE AMAR-ME E EU A ADORAR.

EU ERA CRIANÇA E ELA ERA CRIANÇA,
NESTE REINO AO PÉ DO MAR;
MAS O NOSSO AMOR ERA MAIS DO QUE AMOR
O MEU E O DELA A AMAR;
UM AMOR QUE OS ANJOS DO CÉU VIERAM
A AMBOS NOS INVEJAR.

E FOI ESTA A RAZÃO POR QUE, HÁ MUITOS ANOS,
NESTE REINO AO PÉ DO MAR,
UM VENTO SAIU DUMA NUVEM, GELANDO
A LINDA QUE EU SOUBE AMAR;
E O SEU PARENTE FIDALGO VEIO
DE LONGE A ME A TIRAR,
PARA A FECHAR NUM SEPULCRO
NESTE REINO AO PÉ DO MAR.

E OS ANJOS, MENOS FELIZES NO CÉU,
AINDA A NOS INVEJAR...
SIM, FOI ESSA A RAZÃO (COMO SABEM TODOS
NESTE REINO AO PÉ DO MAR)
QUE O VENTO SAIU DA NUVEM DE NOITE
GELANDO E MATANDO A QUE EU SOUBE AMAR.

MAS O NOSSO AMOR ERA MAIS DO QUE O AMOR
DE MUITOS MAIS VELHOS A AMAR,

DE MUITOS DE MAIS A MEDITAR
E NEM OS ANJOS DO CÉU LÁ EM CIMA,
NEM DEMÔNIOS DEBAIXO DO MAR
PODERÃO SEPARAR A MINHA ALMA DA ALMA
DA LINDA QUE EU SOUBE AMAR.

PORQUE OS LUARES TRISTONHOS SÓ ME TRAZEM
[SONHOS]
DA LINDA QUE EU SOUBE AMAR;
E AS ESTRELAS NOS ARES SÓ ME LEMBRAM OLHARES
DA LINDA QUE EU SOUBE AMAR;
E ASSIM 'STOU DEITADO TODA A NOITE AO LADO
DO MEU ANJO, MEU ANJO, MEU SONHO E MEU FADO.

NO SEPULCRO AO PÉ AO MAR,
AO PÉ DO MURMURIO DO MAR.



O Monumento Tolstoiano

ORLANDO ROMERO

A URSS no afã de pres-
tar um culto eterno à memó-
ria de Lenine, edifica o mais
sôberbo, o mais suntuoso, o
mais resplandescendente palácio
do mundo — o Palácio dos So-
viets. Será, sem dúvida, a rea-
lização de um sonho de fada
onde encontramos qualquer
coisa de maravilhoso, uma
construção jamais conseguida,
e que suplantará tudo o que
se tem feito até hoje no ter-
reno das artes. "El Palácio de
los Soviets tendrá una altura
de 416 metros. Uns ochenta
días al año, la estatua de Le-
nin, que coronará el edificio,
estará cubierta por la bruma.
Por su volumen, el Palacio de
los Soviets superará a todos los
grandes edificios existentes en
el mundo. Sería necesario su-
mar el volumen de seis rasca-
cielos, los más grandes de
Nueva York, para obtener el
volumen interior del futuro
Palácio de los Soviets de Mos-
cú: igual casi a siete millones
de metros cúbicos. Su ancho
será de un cuarto de kilôme-
tro, la longitud excederá de
medio kilómetro, la superficie
total que abarcará la obra será
de unos 120.000 metros cuadra-
dos". (El Palácio de los Soviets,
por Atárov, Ediciones Pueblos
Unidos — Montevideo). Indis-
cutivelmente, essa obra eleva-
rá às alturas não só a estátua
de Lenine, brilhantemente ilu-
minada, mas a engenharia e o
empreendimento dos bolchevis-
tas. Todavia, lançando-se o
olhar para fins do século pas-
sado, vemos, — sem qualquer
espírito de partidatismo poli-
tico-filosófico, — que na Rús-
sia já surgiu algo de mais
grandioso, de mais útil, uma
verdadeira glória para o espí-
rito humano. Trata-se do ma-
jestoso monumento tolstoiano:
GUERRA E PAZ. Edição "Glo-
bo" — (coleção Biblioteca dos
Séculos).

Romain Rolland diz que essa
obra "é a mais vasta epopeia
dos nossos tempos, uma Ilíada
moderna". A Propósito, Máxi-
mo Gorki relata o seguinte de

um encontro que teve com Le-
nine:

"Uma vez, fui procurá-lo e
encontrei sobre sua mesa um
volume: GUERRA E PAZ.

— Sim, é Tolstói. Tive von-
tade de ler a cena da caça e
depois lembrei-me que devia
escrever a um camarada. Fal-
ta-me tempo para ler. Só esta
noite pude ler seu livro sobre
Tolstói.

— Que blóco, hein? Que gi-
gante! Este, meu amigo, é um
artista... E sabe você o que há
ainda de mais surpreendente?
É que antes desse conde não
havia um só mujik verdadeiro
na literatura.

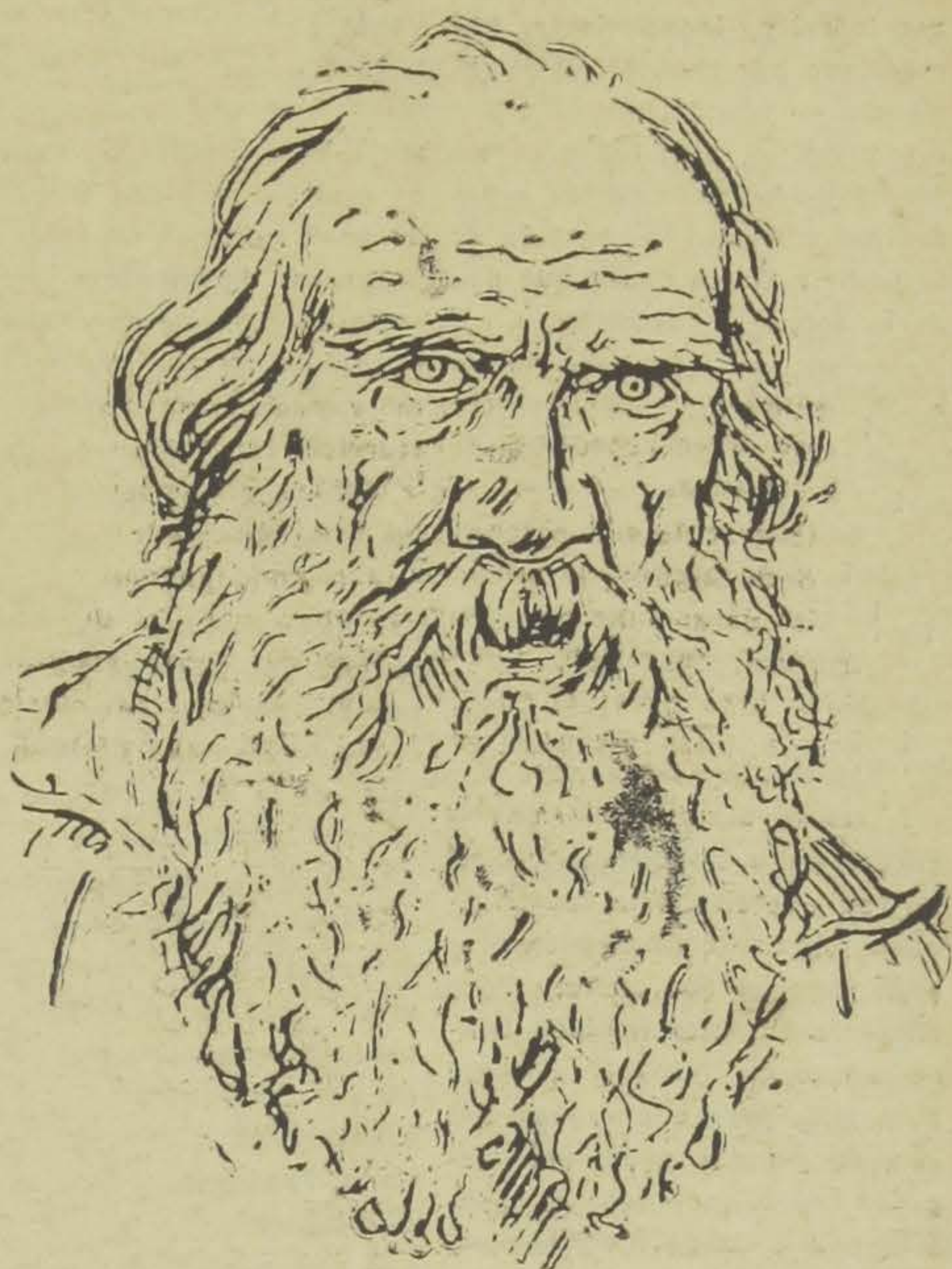
Depois, olhando-me com
seus olhos sempre semicerra-
dos, perguntou:

— Quem se pode colocar ao
seu lado, na Europa?

E respondeu a si próprio:
"Ninguém".

E, esfregando as mãos, pôs-
se a rir, contente como um
gato ao sol".

Tolstói empregou esforços
sobrehumanos na construção
de GUERRA E PAZ. Estudou
inúmeras obras, colheu toda
sorte de informações possíveis,
mexeu em velhos arquivos, ob-
servou duramente com o seu
olhar de psicólogo as aspira-
ções do seu povo, e durante
cinco anos, na solidão da las-
náia Poliana, "no meio da vida
de família, calma e tranquila",
pintou os quadros mais vivos
da alma russa nos tempos do
tzar Alexandre I. Ao lon-
go da leitura dessa obra prima
participamos da epopeia russa.
Viêna, Borodino, Smolensk,
esmagadas sob as bótas das
tropas francesas; Moscou, in-
vadida por um exército po-
derosíssimo sob o comando de
Bonaparte. Assistimos ao re-
côo desordenado do exército
tzarista, abandonando sem
luta a sua capital. Sentimos o
frio russo. O incendio da "ca-
pital santa" nos asfixia. E ao
lado desses acontecimentos
terribles, a estratégia do gene-
ral Kutuzov, recuando sem-



TOLSTOI

pre, mas firmado no principio
de que a vitória da Rússia fôra
conseguida desde a batalha de
Borodino, apesar dos posteri-
res insucessos do seu exército.
Tolstói cria personagens que
nos empolgam, nos dominam,
pelos seus conflitos interiores.
Mais de setenta são traçados
detalhadamente. Todos vivem,
naturais; completam-se, e
constituem o alvo de suas con-
clusões. As famílias russas da
aristocracia, com seus bailes,
suas aspirações sociais, a trivia-
lidade das palestras das con-
tezas, o entrosque de pai-
xões desenfreadas, tudo se
emaranha admiravelmente,
deixando-nos no meio dessa
floresta imensa, contemplando
de o assagem "o espírito ho-
mérico da obra".

A campanha de Napoleão na
Rússia, descrita por Tolstói,
faculta-nos contemplar um epi-
logo que não depende de modo
exclusivo do gênio militar dos
comandantes e do poderio de
um exército. Causas desconhe-
cidas, ocultas, agem sutilmente
e desmontam a mais bem or-
ganizada máquina de guerra.
Mesmo com todas as precau-
ções, todos os cálculos pré-
vios para uma longa campa-
nha, um exército pode sofrer
derrotas fragorosas, reduzindo-

se à importância absoluta. Sa-
bemos que Hitler adestrou o
exército alemão de modo in-
superável. Nenhum exército
podia comparar-se ao do "fu-
herer". Técnica, organização,
bravura, fanatismo, tudo isso
facilitava o seu rápido triun-
fo sobre as incautas potencia-
do mundo. Muniu-se dos meios
mais modernos oferecidos pela
ciência, e acendeu a fogueira.
Todos os seus esforços foram
derruidos. Repetição da histó-
ria? Não aconteceu o mesmo a
Napoleão? — Ougamos Tolstói:
"Hoje, o que perdeu o exer-
cito francês em 1812 é claro
para nós. Ninguém negará que
a causa da perda das tropas
francesas de Napoleão, tenha
sido, de uma parte, sua pene-
tração tardia, sem preparação
para uma campanha de inver-
no, nas profundezas da Rússia,
e, de outra parte, o caráter que
assumiu a guerra com o incen-
dio das cidades russas e o ódio
provocado no povo russo con-
tra o inimigo. Mas na ocasião,
não só ninguém previa (o que
agora parece evidente) que
esse meio só podia causar a
perda dos oitocentos mil ho-
mens do melhor exército do
mundo, comandado pelo me-
lhor dos capitães, em contact-
com o exército russo duas ve-

zas inferior, inexperiente, comandado por chefes sem experiência — não só ninguém podia prevê-lo, mas todos os esforços, do lado dos russos, eram sempre dirigidos no sentido de impedir a única coisa que poderia salvar a Rússia; e, do lado dos franceses, apesar da experiência e do que se costuma chamar o gênio militar de Napoleão, todos os esforços se dirigiam no sentido de alcançar Moscou no fim do verão, isto é, de fazer a única coisa que deveria perdê-los".

O imperador Alexandre encoleriza-se diante dos chefes russos pelos sucessivos recuos do seu exército. Faz substituições. Os comandantes empregam tudo ao seu alcance para obstar o exército francês. Dir-se-ia que os russos atraíam Napoleão para o coração das estepes geladas para, em seguida, aprisionar todo o exército sob o tácio do "general inverno". Embora outras fossem as disposições dos russos, aconteceu exatamente isso: Moscou incendiada, grossos róllos de fumaça perturbavam os franceses; o inverno rigoroso e a escassez de provisões acabaram por desmontar a máquina de Napoleão. O feldmariscal Kutuzov, o mais calmo, mais hábil e mais respeitável dos cabos de guerra da Rússia, abandona a capital sem luta, estrategicamente. Chovem as censuras sobre o "sereníssimo". O czar, indignado, envia-lhe ordens e contra-ordens ríspidos. E a guerra continua, inalterável. Expectativas alarmantes. Kutuzov teima em afirmar que a vitória da Rússia fora conseguida na batalha de Borodino. E os fatos posteriores ratificam as palavras do velho marechal. O seu lema "Paciência e Tempo" seria fatal ao impetuoso Bonaparte. O final da campanha submetia-se a outras causas, desconhecidas, insuspeitadas mesmo pelos mais hábeis comandantes. "Embora em 1812, mais que nunca Napoleão estivesse convencido que dependia dele derramar ou não o sangue de seus povos (como lhe escrevia Alexandre em sua última carta), ele nunca estivera mais subordinado a essas leis inevitáveis que o forçaram (agindo na sua opinião, por

vontade própria) a fazer para a obra comum — para a história — o que se devia realizar". Tais designios excedem de muito a vontade dos "fazedores de guerra". Os fatos mais vulgares apresentam efeitos semelhantes, despercebidos a muitos, e fixados por Tolstói de maneira magistral. Acrescenta ele:

"A maçã cai quando está madura; por que? — Será por que é atraída pela terra, ou por que sua haste secou por si ou pelo sol, por que ficou mais pesada, por que o vento a sacode, ou por que o garoto que está sob a árvore a quer comer? — Nada disso é a causa, o todo não passa da concordância dessas condições nas quais se realiza cada acontecimento vital, orgânico, elementar: o botânico que acha que a maçã cai em consequência da decomposição dos tecidos, etc., terá tanta razão quanto a criança que estiver sob a árvore e julgar que a maçã caiu porque desejava comê-la e rezava para que isso acontecesse". Para Tolstói, o homem e tudo o que o cerca vivem subordinados a essas "forças desconhecidas" e inevitáveis, embora pareçam livres. Essa potência superior assemelha-se a um enxadrista mexendo peças em um tabuleiro. Há condições próprias para cada caso. Os indivíduos gosam de relativa liberdade, jamais ultrapassando determinados limites. Por isso Tolstói se submetia à Providência que tudo rege, sacrificando-se sem tentar a libertação pela violência. Pregava a não resistência ao mal, e isso certamente o afastava consideravelmente dos revolucionários. Lenine diz que "as idéias de Tolstói são o espelho da fraqueza, das insuficiências de nossa insurreição camponesa, o reflexo da apatia do campo patrial e da covardia do mujik abastado".

Para compreender-se Tolstói é necessário olhar a vida por uma outra frêsta que não seja o materialismo. Tolstói, cristão simples, sem paramentos, sem castas, procurava penetrar nos grandes segredos da natureza estudando as causas e os efeitos aos quais estamos implicitamente submetidos. Pedro Bezukov, o principal personagem de GUERRA E PAZ,

lutando interiormente em busca do "Grande Arquitéto do Universo", encarna a eterna conquista do homem espiritualizado, e o seu menoscabo pelos êxitos sociais, por tudo o que não reflita o lado moral da humanidade.

Tolstói pinta a decadência crescente das classes aristocráticas, em seus personagens, pelo fato de se afastarem das coisas simples — mais próximas de Deus; ao mesmo tempo, descrevendo os homens do povo, soldados anônimos e camponeses, eleva-os moralmente. Chegamos a lobrigar o sentido das conclusões tolstoianas. Pedro Bezukov, o conde milionário, era infeliz quando vivia nas altas rodas de S. Petersburgo. Sofria a incompreensão dos seus pares, obrigava-se a uma vida fictícia e hipócrita. Jamais conseguira a decantada felicidade conjugal. Entretanto, aprisionado pelos franceses (enfrentando os horrores das prisões infectas, fome, frio e privações de toda ordem), pôde encontrar a verdadeira felicidade mercê de uma formação espiritualista. "Enquanto se achava preso na barraca Pedro aprendia, não pela razão mas pela mesma vida, com todo o seu ser, que o homem foi criado para a felicidade, que a felicidade está em nós mesmos, na satisfação das necessidades naturais, e que todo o mal provém, não da privação, mas do supérfluo. Agora, porém durante essas três últimas semanas de marcha, aprendia nova e consoladora verdade. Aprendia que não há nada de terrível no mundo, que não existe situação em que o homem seja completamente feliz e completamente livre, e tão pouco em que ele seja de todo desgraçado e privado de liberdade. Aprendia que há um limite para o sofrimento, e um limite para a liberdade e que esse limite é muito fácil de atingir. Aquele homem que sofria porque, no seu leito de rosas, uma pétala se enrugara sob o seu corpo, sofria tanto como ele que, agora, dormia no chão duro, úmido, regelando-se de um lado e aquecendo do outro". Todo o conceito de felicidade está resumido por Tolstói nas linhas acima de GUERRA E PAZ.

Tolstói era um apaixonado pela vida campestre; a sua alma de camponês contribuía para transformar os rudes trabalhos agrícolas em alegres cometimentos. Não preconizava o emprêgo da máquina. Talvez, com a industrialização da lavoura, o sábio mujik temesse a desvalorização do braço humano, nos domínios particulares, e em consequência o êxodo rural com todas as suas misérias. Plekhanov acha que Tolstói é o típico representante da aristocracia rural em seu declínio. A verdade é que Tolstói não compreendia a vida senão ao ar livre, lavrando manualmente os campos, lidando com as sementes, os animais, as plantas e os trabalhadores rurais. Era, sim, um típico representante do senhor rural sempre atento ao problema da fixação do homem ao solo. O conde Nicolau Rostov, personagem interessante de GUERRA E PAZ, filho de uma família em franca decadência graças aos esbanjamentos no "grand-monde" de Moscou, casando-se com a meiga e mística princesa Maria, torna-se latifundiário, abandona o exército, e cultiva os campos de Lissia-Gorí com tanto amor que chega a causar ciúmes à casta princesa. Sem dúvida, Nicolau lembra traços fiéis de Tolstói. Senão vejamos:

"Nicolau era um proprietário muito simples; não gostava de aperfeiçoamentos, e ainda menos dos de importação inglesa que estavam muito em voga; zombava das obras técnicas sobre agricultura, dos produtos de fábrica, das sementes caras e, em geral, não se especializava em nada; sempre tinha toda a propriedade diante dos olhos e não apenas uma parte. E, na propriedade, o objeto principal não era o azoto, o oxigênio da terra ou do ar, um tipo particular de arado ou um adubo especial, mas esse instrumento por intermédio do qual operam o azoto, o oxigênio, o adubo, o arado, isto é, o trabalhador, o camponês".

GUERRA E PAZ é uma obra que empolga o leitor logo às primeiras páginas. Surgem os personagens. Ambiente de aristocracia. Reuniões elegantes: risos, frufus de "faixas", perfumes, homens e mulheres na



Desenho de Mario Tullio para o poema O POÇO DA PANELA, do poeta Olegário Mariano

bres dançam, apaixonam-se; PAZ. Contudo prosseguimos famílias entrelaçam-se. Os graças a outros personagens preconceitos sociais e as como Pedro Bezukov, a levitricas domésticas confundem-na e encantadora Natacha, a se. Dramas, sensações, trajé-princesa Maria, Niclau Ros-dias. Tudo caminha para a tolov e Sônia que paga o gran-complexidade da obra. Os per- de tributo de ser pobre, renun-sonagens se distinguem: cada- ciando aquilo que a mulher-qual encarna um tipo diferen- tem de mais sagrado: o amor- te, real, vivo. Caractéres va- Os dias de paz alternam-se- riados. Cenas impressionantes com os dias de guerra. Tolstoi, da vida burguesa; caçadas, psicólogo, Profundo, não força duélos. A vida rural russa conclusões; os desfechos são apresenta-se com todos os atra- naturais, qual afluentes que- tivos e desencantos. A cena- misturam suas águas e desem- da caça é uma das mais vi- bocam no mar. Nada é feito- lentas. O leitor obriga-se a sem um preparo prévio. Os- acompanhá-la nos seus mini- fatos entrelaçam-se, mistu- mos detalhes — tudo feito com ram-se, dissolvem-se, como na- técnica e entusiasmo de cam- vida real. pônio.

Depois de Pedro Bezukov, há um Personagem pel, qual nos apaixonamos desde o início da obra: é o príncipe André Bol-konski. Orgulhoso, de uma sin- ceridade sem limites, imprime um respeito a toda a socieda- de pel, modo austero de sua vida, respeito esse que em mul- tos casos converte-se em ódio. O destino porém nada lhe re- serve de agradável. A sua vi- da é uma sucessão de lutas e de decepções. Ferido grave- mente na batalha de Austerlitz, tem a oportunidade de ver Na- poleão no momento em que o corso visitava os prisioneiros russos. A morte de André traz um certo desânimo para o lei- tor. Dá vontade de interrom- per a leitura de GUERRA E

Gravar algumas impressões sobre o assunto principal da obra, discuti-la mesmo, é pos- sível; penetrar na transcen- dência das conclusões tolstoi- nas é difícilíssimo, pois seria compreender o próprio gigan- te da ladainha Poliana.

"El Palacio de los Soviets perdurará sobre la tierra a través de los siglos. El tiempo no dejará en él sus huellas. Es construído de manera que dure eternamente, sin dar muestras de vejez. Es el monu- mento a Lenin!

GUERRA E PAZ ainda hoje irradia a sua luz por toda a Rússia e fora dela, através dos tempos. É o monumento à cul- tura e à história do mundo inteiro!

A Proposito de Mário de Andrade

ALBERTO ROMERO

DIZENDO que Mario de Andrade foi, literariamente, um extremista, não estamos descobrindo a pólvora. Foi. Toda a gente sabe dis- so. Ninguém ignora que esse demônio jogou muita dinamite nas velhas cons- truções da linguística com- brã. Por que? Porque to- lham o nosso desenvolvi- mento idiomático. Mas é bom que se esclareça que a palavra "extremista" não deverá ser tomada aqui na acepção de anarquismo ou nihilismo. Porque, nesse aparente frenesi demolitor, Mario de Andrade estava, em verdade, construindo. E construiu. Criou novas fór- mas de expressão, imprimindo, assim, maior viva- cidade à prosa brasileira tão seivosa nas suas en- cantadoras metamorfoses. Homem saturado de cultura, prodigiosamente erudito, foi o pai da MACUNAIMA, uma personagem de alto relêvo no grêmio da gera- ção que contou com gran- des pensadores como Graça Aranha, Ronald de Carva- lho, Tristão de Ataíde e poucos mais. Era um espí- rito ágil, sutilíssimo, aberto a todos os "el-dorados" do

pensamento humano. E por isso, o poeta da PAULICÉA DESVAIRADA despejou muito ouro dentro do voca- bulário nacional. Que cria- tura pródiga! Que imagi- nação à flor do cérebro! Sempre tranquilo, audaz, independente, Mario se deu ao luxo de escrever de ar- côdo com a linguagem da época, sem dar bola a cer- tas exigências do senhor Vernáculo, desprezando o esilo "suranné" dos escri- tores casmurros.

No entanto, muita gente por aí não compreendeu o sentido inovador, a revolu- ção espiritual do ardoroso crítico paulista. Indivíduos ainda na puberdade literá- ria fôrã logo dizendo: "está pra nós!" Sim: acha- ram que "modernismo" sig- nificava escrever à vontade, ao sabor de cada um, man- dando ao diabo a Gramá- tica. E o resultado não se fez esperar. Os escritores apressados, na ânsia de aparecer a qualquer preço ou sem preço nenhum, não tiveram dúvida: encheram o mercado editorial brasi- leiro de uma literatura de carregação...

Antologia de Poetas Paraibanos

Iniciamos, hoje, a publicação da "Antologia de Poetas Paraibanos", organizada pelo poeta Eduardo Martins.

Esse trabalho, ao que nos consta, é, entre nós, o primeiro no gênero a nos dar um nítido panorama de toda a poesia paraibana desde o século XVIII, acrescido ainda mais, de notas bio-bibliográficas.

Tem, portanto, o CORREIO DAS ARTES, o ensejo de apresentar aos seus leitores, em primeira mão, esse magnífico trabalho.

MONTEIRO DA FRANCA

1773 — 1851

Francisco Xavier Monteiro da Franca, "nasceu na cidade da Paraíba a 15 de junho de 1773. Destinando-se à carreira eclesiástica, recebeu ordens menores aos quatorze anos de idade. Mas, aos vinte e um, perdendo o progenitor, teve de mudar de vida, afim de arrimar a família: dedicou-se então à advocacia. Em 1797 foi secretário do governador da capitania. Em 1805 foi a Lisboa e no ano seguinte voltou à Pátria, como administrador da companhia do comércio. Implicado na revolução de 1817, foi preso e remetido para a fortaleza das Cinco Pontas, no Recife. Condenado então à morte, teve a fortuna de ver essa pena comutada em cárcere na Bahia,

de onde saiu anistiado em 1821. Logo depois foi eleito deputado e constituinte de Lisboa. Em 1825 foi secretário do presidente da Paraíba, sendo em 1840 administrador da mesma. Edificou a casa da guarda da Alfândega, concluiu o caos dessa repartição e instalou a tesouraria provincial a 18 de janeiro de 1841. Faleceu a 16 de julho de 1851. Era capitão-mór e oficial da ordem da Rosa e homem de grande inteligência e saber, com especial vocação para as belas letras, sobretudo para a poesia. Deixou inédito um livro de versos, mais tarde publicado. (1).

S O N E T O

Vim com espanto Babilônia altiva
Três incultos Hebreus adolescentes
Pisar tranquilos por carvões ardentes,
Respirar com socêgo chama viva.

Viu a soberba que fornalha altiva
É zéfiro nas almas inocentes,
Que réus só foram nas fatais correntes,
Forçadas contra a Mãe, São cativa.

E tu não vês, ó ingrata cidade,
Que o fogo de um calor insuportável
Rouba vidas, à triste humanidade.

O' Bahia, Bahia inexorável,
Esses, que julgas réus d'atroz maldade,
São réus de um destino inexcrutável.

O D E S Á F I C A

Esperando a sentença do tribunal da
Alçada.

Sonhei que ouvia, lúgubres amigos,
Os roucos brados da fatal sentença,
Que a nós incautos condenado havia
Réprobos tristes.

Eia findação esperanças vagas,
Longas demoras de temôres cheias,
Ágros momentos, convulsões e âncias,
Dúvidas, suspiros.

Tempestade ferro, nossa ingrata herança,
Algoz dos pulsos, gargalheio ao céu,
Vamos aos climas, que indigna a adversa
Rígida sorte.

Vamos de dores semear as praias,
Lodosos rios distinguir com pranto,
Troar com nenias altos rochedos
D'Africa adusta.

Ali faremos companhia aos ossos
Já de um Sepulveda, espantoso em males,
E outros, que exalam nas medonhas brenhas
Miseras vidas.

Materna plaga com cruel despêjo
Vomita os filhos bronzeando o peito.
Surda a clamores, lágrimas, gemidos,
Súplicas, rôgos.

Talvez na pária dos leões achemos
Entre onças, tigres, leopardos, ursos,
No leito hircano, no barbario sólo,
Plácido abrigo.

O céu não falta, sua mão benígna
Sustem os entes, larga sobre a terra
Ao vil inseto, como ao ser soberano
Provido manto.

Eis do letargo sonolento acôrdo,
Despertam vivos esperanças firmes
De um rei clemente, cãndidos ministros
Inclito Conde.

D'ali dimanam luminosos raios,
Perdão, favores, copiosas graças,
E essa do empireo primitiva filha
Misericórdia.

(1) — Liberato Bittencourt, in "Paraibanos Ilustres". Título do livro de versos do poeta: "Poesias feitas no cárcere", Paraíba do Norte, 1854, com uma introdução de Manoel Caetano Veloso.